



NARRANDO O CÂNCER NO SERTÃO MINEIRO

Organizadoras

Beatriz Rezende Marinho da Silveira
Cristina Andrade Sampaio



NARRANDO O CÂNCER NO SERTÃO MINEIRO

Organizadoras

Beatriz Rezende Marinho da Silveira
Cristina Andrade Sampaio

1ª Edição
Montes Claros
2023

©EDITORA UNIMONTES - 2023
Universidade Estadual de Montes Claros

REITOR

Professor Wagner de Paulo Santiago

VICE-REITOR

Professor Dalton Caldeira Rocha

EDITORA GERAL

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Laura Silveira Fahel

CONSELHO EDITORIAL

Gustavo Henrique Cepolini

Ivana Ferrante Rebello

Leandro Luciano Silva Ravnjak

Luiz Henrique Carvalho Penido

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro

Maria da Penha Brandim de Lima

Patrícia Takaki Neves

Tânia Marta Maia Fialho

Vanessa de Andrade Royo

Obra submetida a parecer cego com revisão por pares

DOI:10.46551/978-65-86467-37-6

Dados Internacionais de Catalogação-na-Pública (CIP)

Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

N234

Narrando o câncer no Sertão Mineiro [recurso eletrônico] / Beatriz Rezende Marinho da Silveira e Cristina Andrade Sampaio (organizadoras) – Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2023.

83 p.:il.; 23 cm. Ebook PDF.

Modo de acesso: world wide web

<http://www.editora.unimontes.br/index.php/ebook>

ISBN: 978-65-86467-37-6 (Ebook).

1. Pacientes com câncer - Narrativas pessoais. 2. Acompanhamento terapêutico. 3. Saúde pública. 4. Pesquisa qualitativa – Norte de Minas (MG). I. Silveira, Beatriz Rezende Marinho da. II. Sampaio, Cristina Andrade. III. Título.

CDD 616.994

Elaborado por Biblioteca Central Professor Antônio Jorge / Roseli Damaso – CRB-6/1892

EDITORA UNIMONTES

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

Montes Claros - Minas Gerais, Brasil

CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126

www.unimontes.br

editora@unimontes.br

Filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Apresentação 06

A pesquisa 08

História 1 10
Cair e levantar: a vida é
assim mesmo

História 2 16
Lapidada pelo amor e
pela vida

História 3 24
Para não doer tanto,
um abraço

História 4 32
A vida torce, contorce e
retorne

História 5 40
É muito cedo para
desistir

História 6 46
Uma nova forma de viver

História 7 54
O prazer nas pequenas coisas

História 8 60
A razão de não desistir

História 9 66
Esperança na absoluta dor

História 10 72
Da dor de morrer à alegria do nascer

APRESENTAÇÃO

O E-book *Narrando o Câncer no Sertão Mineiro* traduz uma busca por conhecer a realidade pouco falada sobre os caminhos de alguém que adoece por câncer, no norte de Minas Gerais. A região é caracterizada pela significativa extensão territorial, com grandes distâncias entre os municípios e importantes desigualdades sociais e econômicas. Embora geograficamente localizado no sudeste brasileiro, o norte de Minas Gerais tem grandes afinidades com a região nordeste, com a qual se limita, definindo, de forma emblemática, “dois Brasis”.

Os itinerários abordados aqui retratam a busca por atenção à saúde, desvelando a compreensão sobre o cuidado e sua relação com os serviços de saúde envolvidos, narrados por quem vive a experiência do adoecimento. Neste e-book, essa experiência é interpretada e recontada por pesquisadores de áreas interdisciplinares, que se dispuseram a mergulhar nas histórias coletadas por meio de uma pesquisa acadêmica de doutorado.

As narrativas podem ser uma exposição de fatos apresentadas de diferentes maneiras. Neste e-book, escolhemos enfatizar todos os detalhes das histórias apresentadas por participantes da pesquisa, porém, dando o aspecto de crônicas, regadas à poesia e amparadas pela imaginação delicada dos seus autores, reconstruindo acontecimentos sociais verdadeiros. Dessa forma, as narrativas enfatizam os caminhos percorridos por cada participante e desenha seus mapas de entendimento sobre o diagnóstico, o tratamento e as maneiras de lidar com o próprio sofrimento.

As narrativas informam acontecimentos e desvelam caminhos e desafios reais. Ao mesmo tempo, tentam explicá-los, mostrando sentimentos e fatos que confrontam a vida cotidiana de cada um dos participantes. O e-book contém 10 histórias importantes vividas no Sertão Mineiro, que nos mostram caminhos,

aflições, força e fé, em diferentes etapas do que foi vivido por pessoas com câncer.

É importante salientar que todas as histórias guardam a identidade dos participantes que, aqui, foram renomeados. No entanto, as localizações são reais: todos estiveram no mapeamento territorial que a pesquisadora principal percorreu.

Cristina Sampaio e Antônio Prates Caldeira

Professores orientadores

A PESQUISA

O projeto que dá vida a esse e-book se trata de uma pesquisa de doutorado em Ciências da Saúde, intitulada Itinerários terapêuticos e narrativas sobre o câncer: experiências de pessoas no percurso da rede de atenção à saúde pública na macrorregião de saúde norte de Minas na Universidade Estadual de Montes Claros, em Minas Gerais, iniciada no ano de 2018, com efetiva realização do campo de pesquisa no ano de 2020.

O projeto foi concretizado por uma pesquisadora, que seguiu os caminhos para a realização de uma investigação científica com todos os cuidados éticos e metodológicos necessários.

A produção dos dados em campo compreendeu o período de março de 2020 a julho de 2021. Portanto, teve início pouco antes da pandemia pela Covid-19, que transformou a realização das entrevistas, antes presenciais, em encontros à distância, mediados por aplicativos móveis.

O desafio estava posto! Foi necessário realizar encontros na metodologia qualitativa, que preza pela proximidade e por habitar o território, fazendo uso da tecnologia para que o campo acontecesse, diante da situação sanitária de proteção a todos envolvidos na pesquisa.

O campo foi profícuo e cheio de proximidade entre pesquisadora e entrevistados, já que os vínculos foram promovidos nesses encontros. Houve conexão numa busca pela construção de conhecimento à distância, inspirada na subjetividade e nas emoções presentes na linguagem.

Das entrevistas realizadas, dez foram escolhidas para comporem esse e-book. Inicialmente, pesquisadores qualitativos foram convidados para pensar nas entrevistas como histórias. A partir daí, ao receber cada uma uma entrevista, a imaginação e a criação livre constituíram no pontapé para a construção das narrativas.

Os pesquisadores são integrantes do Laboratório de Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde - o LabQuali que gentilmente usaram de suas expertises muito peculiares para (re)criação de histórias tão importantes.

As trajetórias aqui narradas mostram o percurso da pesquisa no sertão norte mineiro vivenciado por cada entrevistado e subjetivamente experienciado por cada autor ou autora das narrativas.

Cristina Sampaio
Professora orientadora

Cair e levantar: a vida é assim mesmo

Por Beatriz Rezende Marinho da Silveira



Todo caminho da gente é resvaloso.

Mas também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta... O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. Ser capaz de ficar alegre e mais alegre no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza”.

Guimarães Rosa

○ Senhor Juca vem de um lugar pequeno do sertão de Minas Gerais. Sempre teve a sua terra como companheira para sobreviver. A roça fica a oito quilômetros da cidade onde reside e sempre vai e volta de bicicleta. Levanta com o sol e labuta o dia inteiro para prover o sustento da família. Ganha quinhentos reais por mês.

Hoje, o Senhor Juca tem 63 anos. Sem aprender a ler, nem a escrever, cuidou do sustento dos irmãos quando sua mãe os deixou.

Há três anos, foi surpreendido com uma ferida no esôfago e uma gastrite e o médico perguntou para ele se estava preparado. *“Eu falei pra ele que eu tava e que eu queria a notícia - só o que Deus já tinha preparado. Aí ele falou assim ó, ‘deu uma ferida no esôfago, você está com um tumor no esôfago!’.* Quem estava do lado, chorava, e o Senhor Juca, sempre forte, graças à Deus!

O Senhor Juca analisa o seu modo de viver e sua condição de saúde e fala sobre o problema que o fez ter gastrite, úlcera e todas essas complicações: *“boia-fria tem que levar comida cedo e esquentar ao meio dia para comer!”.*

Receber o diagnóstico de câncer é um momento muito difícil para o paciente e para os familiares e é permeado de muitos sentimentos. No momento que o Senhor Juca recebeu o diagnóstico, o que veio à cabeça foi Deus e ele se lembrou das pessoas que ama: *“eu lembrei de Deus, pra Deus me dá força e não deixar eu cair, porque se a gente cair e esmorecer e olhar pra baixo, o cara só vai afundando. Pedi pra Deus pra olhar pra cima! E pensei nas coisas e nas pessoas que eu amo também!”.*

Na narrativa do Senhor Juca emerge a concepção de vida e morte expressa no trecho: *“sempre eu falava, eu falava pra ele assim, ó meu filho, que for pra modo de eu viver mais, quem sabe é Deus, eu vou viver! E que for modo de eu ir, for pra morrer, eu tô pronto pra ir, não tem essa, não adianta chorar! O dia que a gente nasce já tá escrito lá! E com Deus tudo tem coragem!”.*

E nesse desenrolar de história, o Senhor Juca emagrecia; já tinha perdido cinco quilos.

Fez trinta e quatro radioterapias e nove quimios e, para sua alegria, não precisou de cirurgia: *“graças a Deus, que eu tava com medo daquela cirurgia, muito perigosa, grande e de risco né?!”.*

O processo de diagnóstico e tratamento é interpretado pelo Senhor Juca muito singularmente, revelando momentos difíceis: *“quando a gente faz*

quimio, faz radio é ruim demais, eu comia nem que fosse a força, mas o corpo ficava muito ruim!”

O corpo não pede nada com o câncer e tira à vontade até de conversar. O Senhor Juca queria ficar somente deitado: *“dava aquelas coisas ruins no corpo!”*.

O processo de enfrentamento do câncer era o tempo todo sustentado na espiritualidade. Para ele, era importante não esmorecer e se agarrar na fé em Deus!

A vida mudou após o câncer: desde os hábitos alimentares, aos impactos na saúde e, mesmo ainda trabalhando na roça, aquele velho hábito de comer rapidinho uma comida que acabou de esquentar, sem fazer muitos movimentos, engolindo inteiro, já não faz mais parte do cotidiano; agora, é preciso mastigar mais demorado!

E como se não bastasse um problema, outros vieram junto e o Senhor Juca começou a ter problemas nos olhos! Ele conta que parecia estar perdendo a visão do olho esquerdo, e estava! A pressão, agora, estava muito alta, mas era no olho! Com isso, o Senhor Juca se deparou também com medicações muito mais caras do que ele poderia pagar, já que não as conseguia pelo SUS, e é no grupo de orações que ele consegue alento: *“o terço dos homens, conhece, filha?”*.

O Senhor Juca tem muita clareza sobre sua doença e sobre os efeitos que o tratamento traz. Para ele, é um desenrolar de novos problemas: *“aparece mais um bocado de doença, mas a vida é assim mesmo”*.

As dificuldades se somam no caminho do Senhor Juca quando conta sobre os dissabores para receber o auxílio-doença e a sua peregrinação, agora, para aposentar.

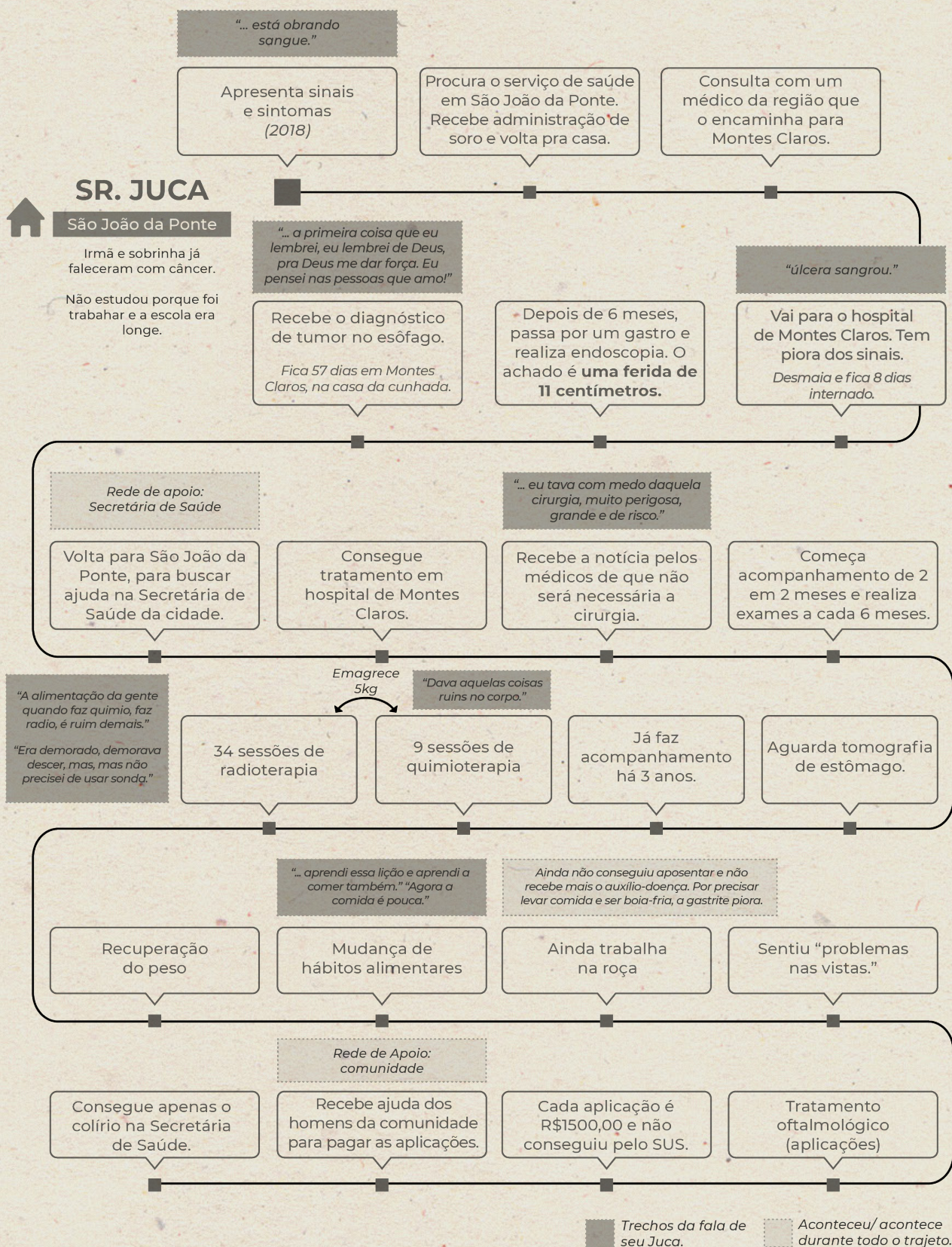
O Senhor Juca continua indo e vindo para a roça de bicicleta, pedalando os oito quilômetros! *“É... de vez em quando cai nuns buraco aí, mas depois vai embora, mas não é fácil não, mas a vida é assim mesmo”*.

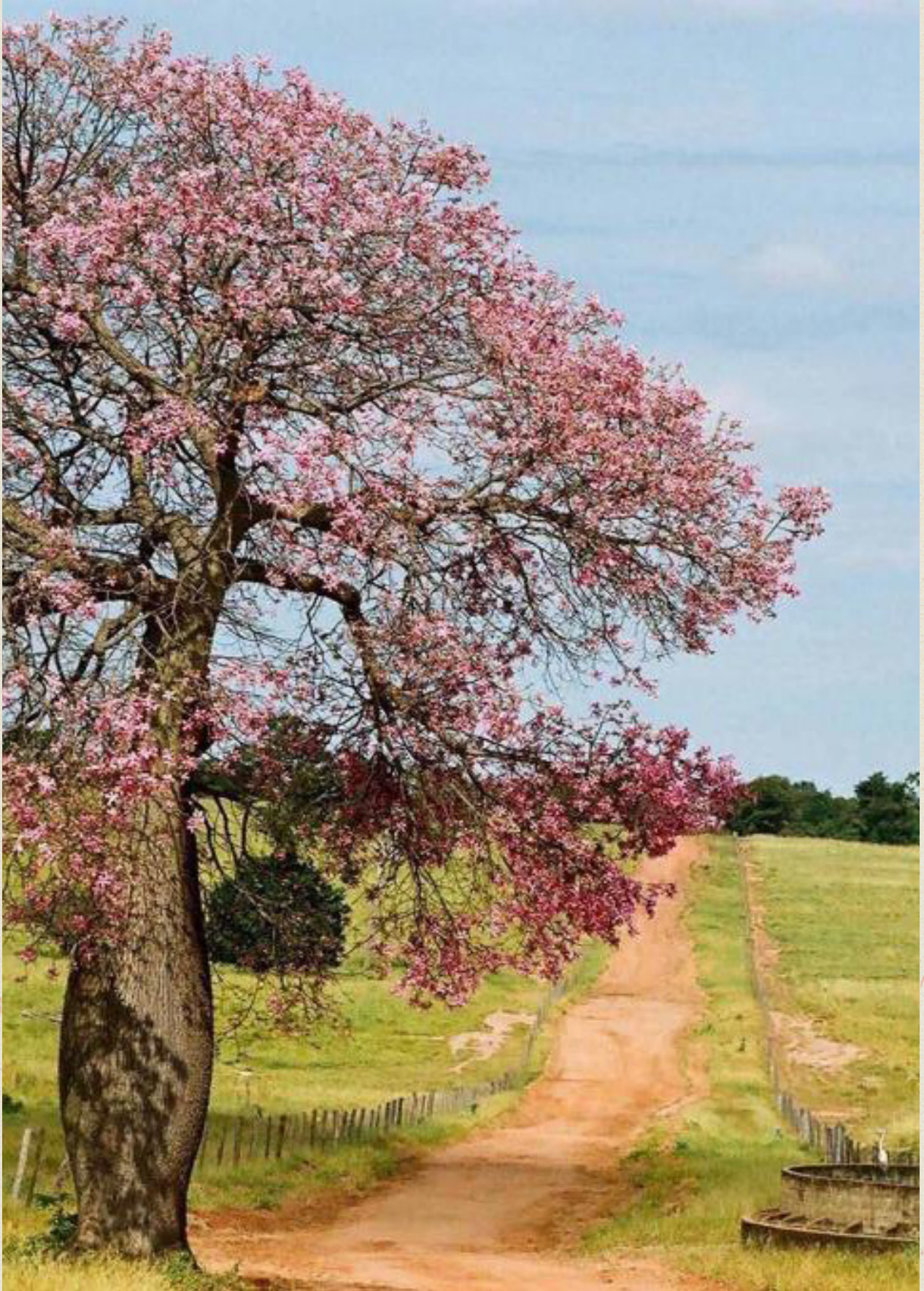
Hoje, o Senhor Juca terminou o tratamento e está em acompanhamento.

História 1

Cair e levantar: a vida é assim mesmo

Sr. Juca





Paineira, Vila Florentina, Itacarambi MG

Lapidada pelo amor e pela vida

Por Cristiano Leonardo

“

Eu sou a
terra, eu sou
a vida.

Do meu barro, primeiro, veio o homem.

De mim, veio a mulher e veio o amor. Veio
a árvore, veio a fonte”.

Cora Coralina

Cristália é uma mulher jovem, forte como cristal de rocha. É mulher da ciência, de fala clara, positiva e, na sua profissão, aprendeu a lidar com o outro. O boticão é sua ferramenta, é seu ganha-pão. Filha única, cercada de amor e carinho, sem proteções e mimos exagerados, se fez mulher independente e guerreira, mas sem deixar perder a fragilidade e a ternura.

Cristália, 30 anos, a protagonista dessa história, nasce no mês de Maio, sendo um presente para o mês do nascimento. Não se sabe a origem exata do nome do mês de Maio, mas existem três teorias sobre ela. Uma das hipóteses é que deriva de *Maia Maiestas*, a deusa da fecundidade, da *projeção da energia vital* e da *primavera*. *Maiestas* personifica o *despertar da natureza na primavera* e o *renascimento*. Sua festa acontece no mês que os romanos chamavam de *Maius*. A segunda teoria é que a origem de maio seria o nome da ninfa Maia, filha de Pleione e Atlas e mãe de Hermes, ou Mercúrio, para os romanos. Finalmente, a terceira opção é que o nome deriva de *Maius Juppiter*, uma redução do máximo, a maior. Uma *explosão de vitalidade invade as pessoas neste mês*. Essa alegria e energias positivas estão com os nascidos no mês de maio.

Nossa protagonista, há mais ou menos seis anos, enfrentou uma longa trajetória tortuosa e angustiante para receber o diagnóstico de câncer. O corpo de Cristália mudou: as respostas e o tempo do seu funcionamento não mais atendiam ao fisiológico: *“não conseguia segurar xixi, isso mais ou menos tem uns 6 anos. E era uma coisa impressionante, porque era assim, se eu tivesse num restaurante, eu ia no banheiro, quando eu voltava, eu tava no meio do caminho dava vontade de fazer xixi de novo”* - primeira consulta - no meio do caminho tinha um(a) médico(a), tinha um médico(a) no meio do caminho: *“ah não, você tem um problema de Ectopia, e tá tudo tranquilo.”* Eu falei: *“Doutora, mas não tá, Ectopia não tem nada a ver.”* *Aí ela pedia, fazia vários (ênfase) exames, aí não dava nada”*.

Cristália, *eita* mulher cheia de vida, sabedoria e muita desconfiança, como toda mineira sertaneja deve ser: *“todo ano certinho ia na ginecologista e ela falava que tava tudo normal, e eu acreditava que tava tudo normal”*. Segunda consulta - no meio do caminho tinha um(a) médico(a), tinha um(a) médico(a) no meio do caminho: *“seis anos atrás mais ou menos, eu comecei sentir uma dor na lombar, fui pro médico, aí por eu ser muito grande e a profissão, tratou como coluna. Aí passaram alguns remédios e aí fiz sessões de RPG”*.

O alívio da dor para Cristália era um grande conforto. A dor era mascarada, disfarçada de solução e a vida seguia. Novamente, no meio do caminho

tinha um(a) médico(a), tinha um(a) médico(a) no meio do caminho e um diagnóstico de dengue – terceira consulta: *“aí passou um ano depois, a dor, ela voltou um pouquinho pior, já não doía só na lombar, doía o corpo todo, aí aqui na cidade tava com um quadro assim que tava dando dengue geral, em todo mundo”*.

No meio do caminho tinha um(a) médico(a), tinha um(a) médico(a) no meio do caminho e o caminho continuou tortuoso, sombrio. O tempo é efêmero, mas o câncer pode não ser; por isso, o diagnóstico precoce é fundamental. Cristália, ali, diante de seus olhos, sentia a falta de priorização do câncer dentro da saúde pública, que vai da assistência, desde o primeiro sintoma, até os cuidados paliativos.

Quinta consulta – no meio do caminho tinha um(a) médico(a), tinha um(a) médico(a) no meio do caminho e agora Deus entrou no seu caminho. Os pensamentos de Cristália se agitavam e as imagens tecnológicas confirmavam aquilo que, até então, era impensável, impronunciável: *“uai, mas tá diferente isso aqui”. Cheguei até estranhar, fiquei meio assim... Aí eu senti que tinha uma coisa diferente quando ele, no meio do exame, ele começou a falar de fé, aí eu falei assim: esse médico já achou alguma coisa. Aí eu já comecei a chorar. E aí ele me contou uma história do pessoal dele, falando de fé, falei: Tem alguma coisa estranha”*.

O impronunciável se pronunciou: *“mas aí quando ele já fala tumor, eu já desesperei. Ele falou assim: ‘Você tá com um tumor, deu um câncer’”*. Um turbilhão de sentimentos tomou conta de Cristália. Sabe-se que a confirmação diagnóstica origina na pessoa e na família sentimentos de angústia e de negação. O sentimento de finitude invadiu o corpo e o espírito de Cristália: era câncer e ela não aceitava: *“não doutor, tá errado, trocou o meu exame, esse não é meu exame não, deu uma confusão lá!”* E ele: *“Não, é seu exame”*. *Sabe, e aí na hora sim eu lembro que eu briguei, que eu xinguei. A gente não quer e a gente só pensa que vai morrer né”*. Muitas vezes, de maneira invisível, o câncer lança em Cristália o confronto com a morte.

Agora, Cristália traçava em sua cabeça o itinerário, os movimentos que sua vida teria daquele momento para frente. Palavreados científicos outrora distantes, presentes na vida de outras tantas Cristálias, Esmeraldas, Safiras, Pérolas e Ametistas, vêm e vão, na nova rotina a viver: pílulas brancas e vermelhas, sessões de quimioterapia, radioterapia, intervalos, ciclos e a mais temerosa, sofrida e vivida: a cirurgia. Esta, mutilava o corpo e a alma de Cristália, pois retirava dela a expectativa de gerar a vida. Mais que rapidamente, esse sentimento se transformou em outras possibilidades,

como a de direcionar seu amor e afeto gerados, não no útero, mas sim no coração: “eu não tinha aquele sonho que muitas mulheres têm, que tem mulher que quer ser mãe. Mas eu acho que a coisa fica diferente porque assim, quando eu tinha o útero, aí eu podia escolher, mas quando coloca pra você que não pode, aí a coisa fica um pouquinho diferente”.

A vida de Cristália, durante certo tempo, foi um ir e vir de sua cidade de residência para uma cidade referência para o tratamento de câncer no Norte das Gerais. Eram infindáveis quilômetros todas as semanas. Redes de apoio e de afeto foram se estabelecendo neste novo itinerário de vida e ela se sentiu mais fortalecida para enfrentar as diferentes etapas do tratamento, o que se tornou fundamental para que o enfrentamento da doença fosse menos doloroso, e ele, seu amor, fez com que ela se sentisse mais confortável: *“ele fez aquele quarto pra mim e pra minha mãe, fez igual na minha casa pra mim, então eu acho que tudo isso ajudou na evolução”*.

Foi oportunizado, pela equipe médica, para Cristália experienciar e viver todo o tratamento em um quarto isolado e sozinha. Neste momento de sua trajetória, na limpidez de seu espírito, na construção de uma fé inabalável em Deus, essa rocha cristalina decidiu vivenciar essa fase com outras/ outros iguais e diferentes: *“aqui você vai ficar no seu quartinho, sozinha, só você e sua mãe na cama. E lá não, lá você fica no salão, com mais umas 10 pessoas, mas deixa eu te falar uma coisa, eu acho que você podia fazer lá”*. E quão sábia foi a sua decisão em ir: *“eu acho que foi até melhor porque assim, você acaba fazendo amizade, você não fica sozinha, eu acho que se ficasse só eu e mãe naquele quartinho a gente ia ficar pensando nisso o tempo todo”*, mas ela sentiu, por várias vezes, o medo e a angústia quando chegava no grande salão e não via seus novos amigos; sua mente era invadida pela possibilidade de não conseguir e a ideia de finitude permeava sua existência: *“nós éramos em 20 no salão. Então, às vezes era triste porque eu saía numa semana, quando eu chegava na outra semana, o amigo já não tava naquela cadeira, aí já tinha outro sentado, aí tinha hora que isso desanimava a gente porque a gente falava: será que vou ser a próxima?”*.

Cristália não foi a próxima, mas seu corpo se remodelava, se reconfigurava. Um olhar no espelho e via seus cabelos, a moldura do seu rosto, serem levados pelo vento, pelo tempo. Em momento algum ela se envergonhava da imagem da nova Cristália no reflexo do espelho, mas seu amor não podia ver. Vaidosa como toda mulher, sim, Cristália era amada, desejada como mulher. Muitas vezes quis se afastar do seu amor para não causar dor e sofrimento: *“eu falei: ‘ó, vamos terminar!’*. *Aí quando eu fui pra quimioterapia, eu falei: ‘vamos terminar, porque eu vou ficar feia, eu não vou conseguir’”*.

Em momentos de muito enjoo e mal-estar, o corpo sentia de todas as formas o peso do tratamento quimioterápico, mas um momento se revelou muito especial: toda aquela vaidade e toda a crença de que jamais envelheceremos ou de que as rugas jamais aparecerão se desfizeram como num suspiro: *“aí eu lembro que um dia, assim à noite, eu passando mal, aí minha mãe acordou comigo levando pro banheiro essa toquinha, aí eu acho que, no que acordou e o que eu passando mal, aquela correria, a toquinha saiu e na porta do quarto que ele – o amor de Cristália – ficava ao lado pra qualquer coisa acudir. Aí ele me viu, sem a toquinha; aí eu já comecei a chorar, porque na frente dele eu tinha vergonha de ficar sem a toquinha. Aí eu comecei a chorar, ele voltou e falou assim: ‘que é Cristália?’. Aí eu só chorava porque na frente dele eu não conseguia ficar, aí ele voltou e falou assim: ‘ah Cristália deixa de ser besta! Eu gosto de você! É por causa disso aqui, né (olhando para minha cabeça)?! Aí ele colocou a mão no meu coração e falou assim: isso aqui vai ficar pro resto da vida!’”*

Cristália acabava de ouvir algo que a transportou para um local seguro, sem dor, sem a materialidade do corpo e as compreensões equivocadas de beleza. Seu amor se materializava em forma de benção, de um anjo colocado em sua trajetória, em sua vida, o que consolidava, ainda mais, sua fé em Deus.

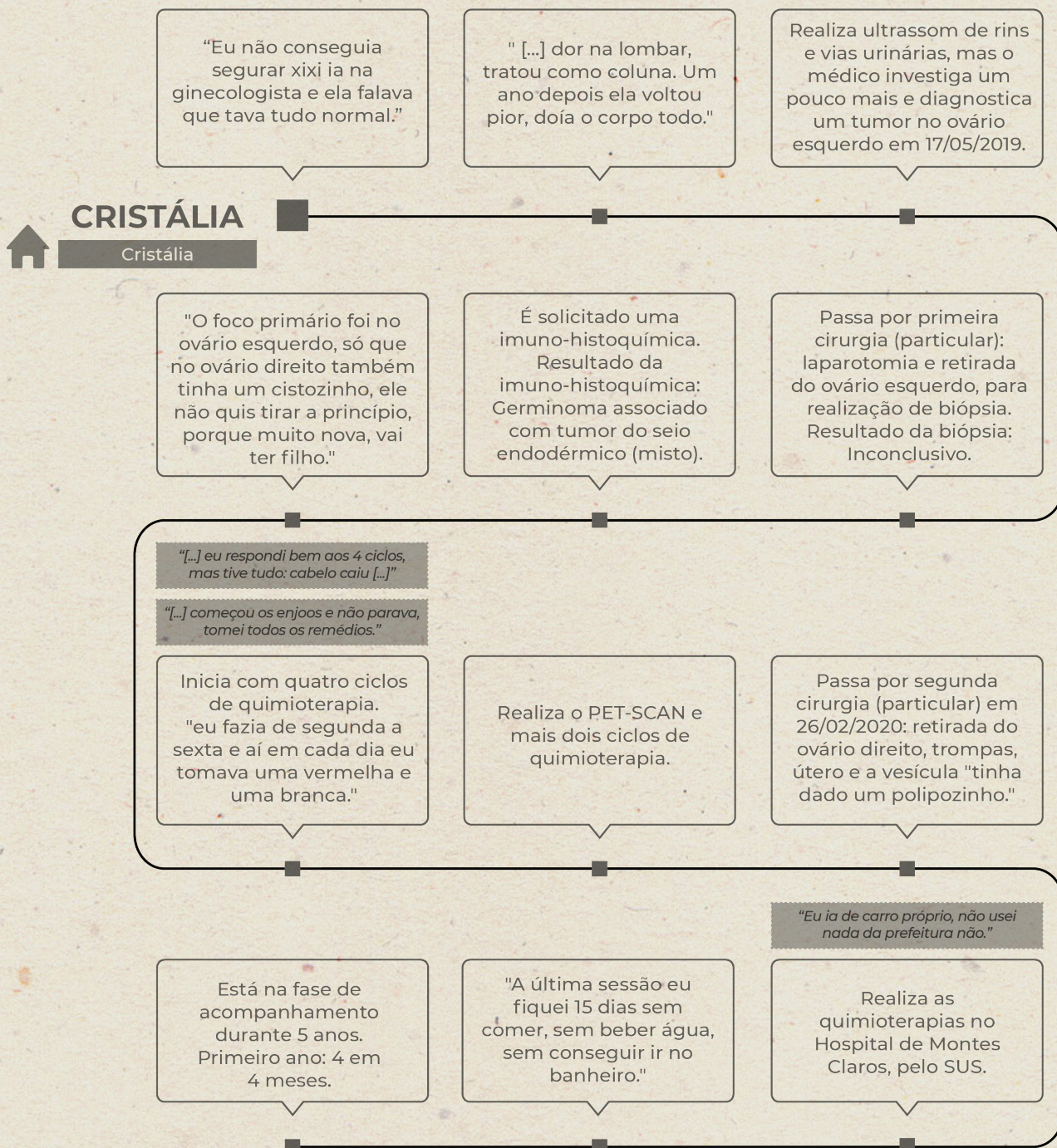
Para Cristália, é impossível ser a mesma pessoa antes e depois do câncer. Durante toda a vivência do câncer, os sentimentos foram mudando e sua história de vida foi sendo reconstruída. A vida se reorganiza e outras coisas passam a ser prioridade: não há espaço para situações pequenas, gasto de energia e tempo com frivolidades, sofrimentos desnecessários e querer controlar o que é incontrolável: *“eu aprendi isso também com a doença, porque antes eu vivia muito era plano e não vivia o presente, às vezes muita coisa passava. Ah, não vou pensar nisso mais não, nem sei se daqui uns tempos eu vou tá aqui, eu vou viver é o agora! Pensar no agora, porque a gente tem hora que sofre muito por antecipação”*.

Agora, em acompanhamento por cinco anos, com retornos de quatro em quatro meses, ela não é mais um cristal de rocha; Cristália foi lapidada pelo câncer, pelo amor por ela mesma e pelo outro, pela família zelosa e pela vida e se tornou joia. Nessa trajetória, todas as facetas de Cristália foram polidas, lapidadas e passaram a refletir fé, brilho e luz.

História 2

Lapidada pelo amor e pela vida

Cristália





Fruto: Cagaita, Machados, Botumirim, MG

Para não
doer tanto,
um abraço!

Por Leda Antunes Rocha



Apesar de, se
deve comer.
Apesar de, se
deve amar.
Apesar de, se
deve morrer.

Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida.”

Clarice Lispector

Dos muitos modos de dar testemunho, dizer de si talvez seja o mais profundo e delicado: contar a própria história é como assanhar sentimentos dormidos, é retirar uma fina camada de esquecimento e trazer à superfície diversas lembranças. A senhora Adélia, a quem tratarei carinhosamente apenas pelo nome próprio, dá testemunho de um longo processo para tratamento de Câncer no reto, diagnóstico que atravessou sua história em junho de 2015, aos 43 anos.

Na época, Adélia era professora em duas escolas públicas. Começou sentindo um cansaço que incomodava o corpo e o espírito; o apetite diminuiu e, com ele, foram-se embora também alguns quilos. Sempre caprichosa com a saúde, Adélia resolve procurar sua ginecologista. Depois de fazer exames, a médica recomenda alguns remédios... provavelmente, não seria nada grave. No entanto, passados 3 meses, a indisposição continua.

Adélia resolve atender ao conselho de uma amiga e procura uma proctologista, que lhe pede para realizar uma colonoscopia, já desconfiada de que algo de errado poderia estar acontecendo; Adélia retorna à médica para lhe mostrar o exame e foi nessa consulta, depois de receber um abraço acolhedor da médica, que recebeu a notícia de que estava com câncer. Adélia carrega consigo uma fé determinada, mas ali, sentiu como *“se desabasse, tudo ficasse cinza”*.

O tratamento precisou ser iniciado imediatamente e as providências foram tomando caminho - precisou de vinte e seis sessões de radioterapia e duas semanas fazendo quimioterapia -, processo doloroso e delicado; um tratamento agressivo, que provocou também uma isquemia intestinal.

Adélia sentiu e sente na pele os efeitos colaterais do tratamento: o corpo escapa, a pele se desfaz, os órgãos sofrem, a carne chora. Adélia conta da dureza de se ver fragilizada: *“quando você olha assim e parece que morreu tudo sabe? Parece que tá tudo cinza e que você não tem mais a graça”*.

Durante o tratamento de radioterapia e quimioterapia, Adélia tinha muita dificuldade para se alimentar, pois apresentava vômitos frequentes e mal podia tolerar o cheiro das refeições, sentia dores, mal-estar, nutria-se de proteínas sintéticas e do apoio de muitos. Nesse percurso, começou também a queda de cabelo. Adélia resolveu que não iria raspar a cabeça, pois preferia manter os fiozinhos que a ligavam a alguma esperança. Não se olhava no espelho, se via apenas pela porta de vidro da casa. Ali, enxergava uma mulher que, gradativamente, foi perdendo os cabelos. Chorava, encontrava-se com o real do adoecimento, testemunhava suas perdas e ia tentando imprimir

sentido à vida, para além da dor. O esmorecimento foi dando lugar à fé, a partir da constatação de que se fazer bela é um exercício de ver diferente, de perceber-se forte e recobrir-se com a veste mais bonita: o afeto.

A fé tem papel fundamental no tratamento de Adélia: *“porque assim, se não fosse minhas orações e quando... quando fiquei sabendo eu já falei pra escola, já pus na comunidade, já coloquei nas igrejas sabe? Eu dava catequese... eu só pedia oração sabe? Eu falo que a cidade toda clamou a Deus por minha saúde... eu sou muito grata”*. Adélia vai, gradativamente, se fortalecendo e recebendo de outros a generosidade que tanto cultivou pra si.

O que pode carregar mais beleza que uma alma que sensibiliza, que faz mais humana uma comunidade, que mobiliza bons afetos e nos lembra do quanto de bondade ainda podemos portar?

Adélia foi amparada pelos amigos e pela família, mas sua dor também foi sendo tratada por profissionais que encontrou pelo caminho, com toda sensibilidade dos que fazem do cuidado do outro mais que um ofício, que se dedicam generosamente e sustentam um modo de assistência pública e igualitária. Adélia também recorre à sabedoria do sertão e alivia suas dores com remédios do mato, esses cuja eficácia é transmitida de geração em geração e carregam em si toda a ancestralidade da nossa história de gente. No início de 2016, foi possível realizar a cirurgia para tratamento da isquemia. Adélia permaneceu mais um mês internada, até poder voltar para casa. Seguiu em recuperação, para ser possível realizar uma nova cirurgia de retirada do tumor. Depois de 3 meses, passou pela tão aguardada cirurgia de retirada do tumor. Foi preciso colocar duas bolsas de colostomia, o que lhe exigiu mais força e convicção. Adélia, com o tempo, cultivou para si uma esperança destemida e uma fé compartilhada a partir do cuidado da família, o que também lhe serve de saúde, como ela mesma diz: *“foi muito doloroso, um processo lento, um processo que você tem que ter muita força, muita fé... e assim, ter a família pra te apoiar, pra segurar a mão o tempo todo porque se não você não aguenta sabe?”*.

Ainda em 2016, foi possível retirar uma das bolsas de colostomia, o que renovou o ânimo e deu firmeza para seguir. Precisou manter uma das bolsas, até que uma fístula, que também surgiu por causa do tratamento, se fechasse.

Em 2017, conseguiu se aposentar de um dos cargos de professora, já com 23 anos de trabalho dedicados à educação, o que ofereceu certa tranquilidade para tocar a vida e o tratamento. Em junho de 2018, o médico noticiou

que já era possível retirar a segunda bolsa de colostomia, e assim foi feito. Nesse mesmo ano, a fístula reapareceu, o que levou Adélia a precisar fazer 3 cirurgias, na tentativa de remediar tamanha dor. Em 2019, foi encaminhada a uma proctologista, que recomendou uma nova cirurgia.

Adélia não poderia prever que uma pandemia também atravessasse seu caminho, adiando o procedimento e exigindo maior paciência e firmeza. Adélia faz seu percurso sendo amparada pelo Sistema Único de Saúde, agradecendo as portas que se abriam diante de cada provação: *“é uma escada que você vai subindo aos pouquinhos”*. E nessa subida, ela jamais esteve sozinha; muitos subiram junto, sempre debaixo do olhar atento de suas duas filhas, do seu esposo, das irmãs e de tantos que, mesmo longe, elevavam aos céus preces a seu favor.

E Adélia segue adiante... Nesse percurso, aprende a fazer crochê, ocupa-se em fazer arte, tece terços em sinal de gratidão, continua sua história. Adélia quer ter lugar no mundo, ser movimento, não quer parar. Vai se reafirmando, volta e meia arruma a casa, providencia o almoço, lava suas próprias roupas, retoma sua rotina; isso a torna mais forte, não a deixa esquecer de quem é e de quem deseja voltar a ser. Adélia pretende ser testemunha viva para os que também experimentam a dor: *“eu queria que as pessoas me vissem por piedade não, sabe? Me vissem assim pra ter aquela força, pra se acontecesse e alguém visse, ter aquela força: ah! ela passou por aquilo...”*.

Não se esconde, não recua, não teme qualquer julgamento; orgulha-se de sua batalha e das muitas experiências vividas até aqui. Adélia vai fazendo memória, deixando exemplo, compartilhando com o mundo cada conquista. Hoje, Adélia aguarda mais uma cirurgia para tratamento da fístula, processo que foi adiado devido à pandemia. Ansiosa, espera pelo momento em que mais uma etapa será concluída. Até lá, vai se ocupando de existir, tem ido à igreja, sendo abraçada em fila, retribuindo todo o afeto que recebeu.

Certamente, não é possível escapar aos efeitos de um adoecimento, da corrosão da carne. Estar diante da fragilidade do próprio ser impõe certa devastação, mas provoca, também, inúmeros deslocamentos e mudanças. O sofrimento rompe o automatismo da vida e faz nascer reflexões luminosas que podem retificar a vida. Dos muitos aprendizados que o processo de adoecimento trouxe, Adélia destaca: *“eu falo que Deus me deu uma nova chance de eu viver um pouquinho as outras coisas boas da vida também, que não seja só trabalho”*. A existência lhe pede mais que trabalho.

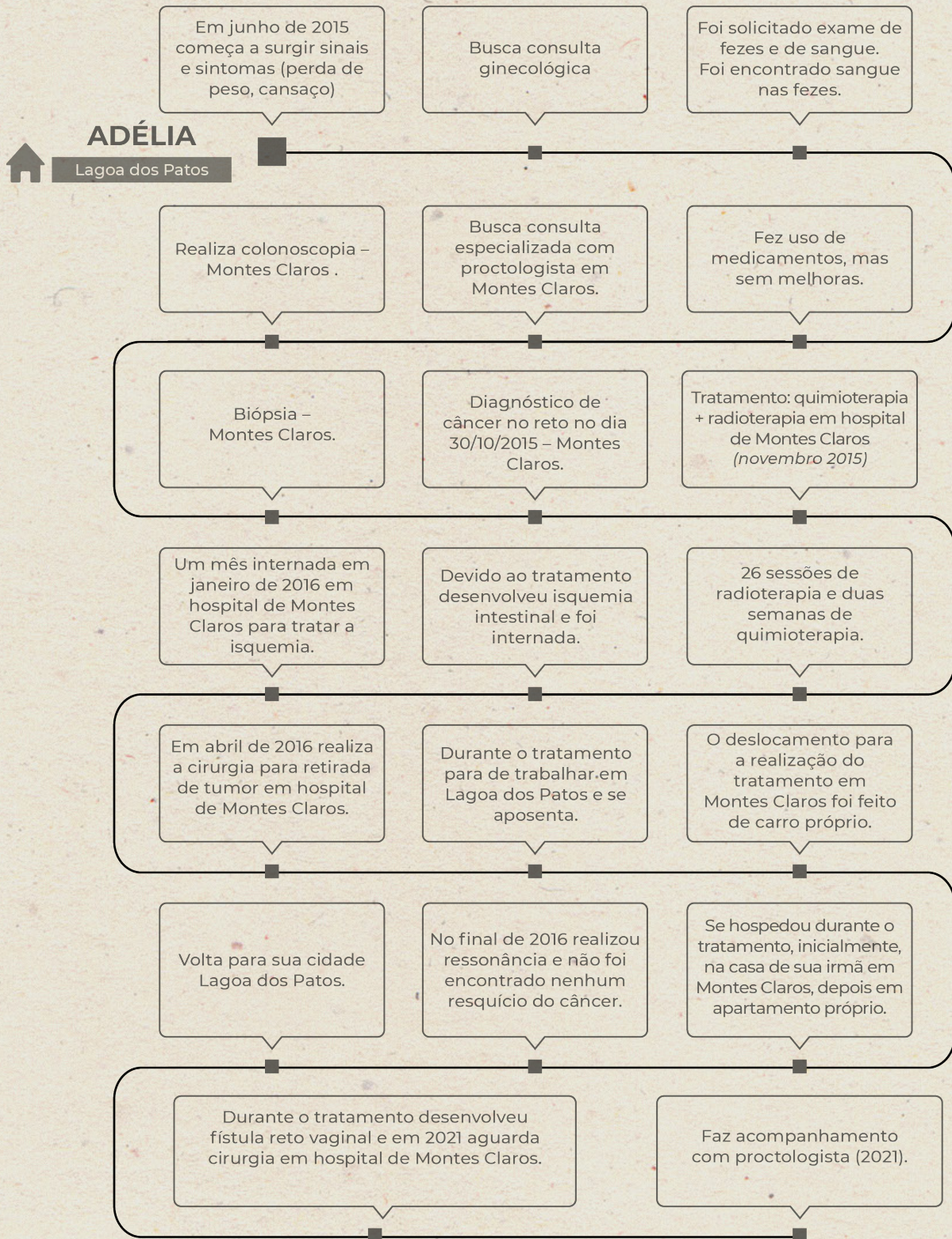
Adélia tem conseguido recuperar seu peso, frequentar a igreja, cuidar da

casa e de si. As vezes evita algumas lembranças: “*a gente não gosta de ficar lembrando muito não, é dolorido*”, mas não recua em oferecer seu depoimento e, mais que contar, ressignificar sua própria história. Hoje, não dói tanto.

História 3

Para não doer tanto, um abraço

Adélia





Flor de pequi, Santa Marta, Grão Mogol MG

A vida torce,
contorce e
retorce

Por Cristiano Leonardo



A brisa, a ventania,
o vento, o moinho,
o cata-vento, as
asas sobre as
nuvens de algodão...

O redemoinho, o lampejo do ar, o ciclone, a
tempestade e tudo se torna calmaria.”

“A brisa, a ventania, o vento, o moinho, o cata-
vento, as asas sobre as nuvens de algodão...
O redemoinho, o lampejo do ar, o ciclone, a
tempestade e tudo se torna calmaria.”

Cristiano Dias

Ena vida de Zé, tudo teve um começo, um meio e não teve um fim. Homem sertanejo, forte como uma asa de borboleta, frágil como uma rocha. Sertanista, o que vive no sertão, Zé é um deles e o dono dessa história.

Eita mês de janeiro! Janeiro é representado com duas faces: a capacidade de olhar tanto para o futuro, como para o passado, e de exercer poder sobre o céu e sobre a terra. É nesse mês que Zé começa sua trajetória. Ele lembra até o dia: 19 de janeiro. Não é o dia de nascimento dele, mas até parece que foi; as pessoas desse dia são móbidas pela coragem, audácia, força de caráter, impulsividade e paixão, tornando-se, vez ou outra, heroínas de determinada situação.

Nosso caipira não precisa de homens de jaleco branco; eles sabem tão pouco sobre o viver: *“nunca tive problema de saúde nenhum, nunca tinha ido nem em médico, na verdade nem sabia o que era um médico”*. Mas, de repente, o corpo desse homem deu uma bagunçada, uma misturada [bora conhecer os homens de jaleco branco, vou dar um voto de confiança]. Falaram para Zé que era um tal de *H. pylori*, bichim danado que mistura e deixa tudo revirado. Agora era pílula branca de todos os tamanhos, mas sem resultado.

Assustadiço, como todo sertanejo deve ser, tem um trem errado, tô desconfiado: *“aí depois, saiu resquício de sangue, um pouquinho de sangue nas fezes e aí eu comecei ver que as coisas eram mais sérias, né?”*. E de supetão, homens e mulheres de branco viraram rotina na vida de Zé; exames de nome difícil, que revira por dentro e por fora. Aquele homem que outrora conhecia somente a reza, a simpatia, se vê cercado de tecnologia: *“... aí foi quando a gente procurou uma determinada médica aqui na cidade e ela pediu fazer o exame de colonoscopia e isso depois de mais ou menos 4, 5 meses de eu ficar nessa luta, procurando uma coisa, procurando outra e ninguém me falava mais ou menos o que era, até que essa determinada médica pediu o exame de colonoscopia, aí sim que foi saber o que era né?”*.

Dantes, aquele homem que vivia no ritmo do outono, da seca, das chuvas demoradas, do nada, sentia o peso das palavras frias, doloridas, descoloridas, sem sentimentos. Pra Zé, dizem que os homens e mulheres de branco têm, na frieza das palavras, um instrumento para lidar com o sofrimento humano diariamente; agora, o tempo urgia: *“e aí foi difícil, foi dolorido saber da notícia, não é fácil passar por isso, saber uma notícia que cê tá com uma doença que até então não sabia se tinha cura, se eu ia... e a médica me falou: ‘de antemão você tem que sair correndo o mais rápido possível procurar um cirurgião pra você fazer a cirurgia de última hora porque o tumor tá grande,*

então cê tem que correr atrás'. Até antes de eu fazer os exames pra ver o tamanho, ela já me assustou e foi até bom que eu corri atrás logo e fiz o tratamento, a cirurgia, e deu certo, mas foi muito difícil, foi uma situação muito complicada".

Como não se lembrar do grande homem dos sertões, das veredas, na história de Zé: *"o real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia". "O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem"* (Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, 1956); *eita... coragem?* Essa não faltava ao protagonista da nossa história.

Bocaiúva é uma palmeira sul-americana, *Acrocomia mokayayba*, encontrada no Brasil. É um coqueiro forte, que não se dobra ao vento, à sequidão, de raízes profundas como a fé de Zé. A fé e a espiritualidade do sertanejo é estudada por gente das ciências, é coisa de muita seriedade. As práticas religiosas do sertanejo católico se misturam, se constroem bonito e formoso com o misticismo exuberante, com um punhado de superstições e crenças no sobrenatural, que deixam o palavreado sagrado um *"trem bunito dimais da conta de se ouvir: então assim foi muito difícil, mas graças a Deus, consegui superar, fiz a cirurgia, deu tudo certinho, como diz, o acompanhamento foi muito bom, onde fiz o tratamento, graças a Deus, lá eles são muito bons, os médicos, enfermeiros, não tenho nada a reclamar de ninguém, mas graças a Deus os outros exames todos eu faço de graça, tomografia lá de graça, exame de sangue todos eu consigo, eu falo que venci, eu falo que eu tô vencendo ainda porque eu ainda tô fazendo o tratamento. Mas praticamente eu tenho fé em Deus, eu vou vencer, até o final eu vou ficar cem por cento bom, a pessoa tem que ter fé em Deus, primeiro lugar é Deus"*. Para Zé, a vida vivida na fé é uma travessia vista da janela do seu caminhão, de todas as cores, ora verdinha, ora cinza e amarelada, mas que, mesmo assim, atravessa, sendo o sertão, no seu imaginário, uma vida plena.

Agora, outros dizeres e outros afazeres atravessavam Zé de corpo e alma, mas a travessia não foi solitária, tinha gente boa na vida, no caminho da quimioterapia, radioterapia e das cirurgias. Zé se perde nas contas, nas incontáveis sessões de terapia; pra Zé, uma faca de dois gumes: curava e machucava, deixa em pele viva, a tal da radioterapia, o local do danado do tumor, a gente fala baixinho e causa uma certa "desalegria", lugar "custoso", lugar difícil, nas partes íntimas escondidas. Zé também chorou como rocha frágil: *"a dor é muito forte, a dor é tão forte que os medicamentos, no meu caso eu tive, nem todas as pessoas passam essa dor, a morfina não fazia mais efeito pra mim, assim demorava muito pra fazer efeito, a morfina na*

verdade quando não é injetada na veia, ela é tomada de comprimido, ela demora uma hora até fazer o efeito, então eu ficava sofrendo uma hora de dor, gritando e chorando de dor, até conseguir fazer o efeito pra eu dormir um pouquinho”. Sim! É assim agora, dormir um pouquinho se valora; é recompensa diante de sonhos de riqueza metida à besta de outrora.

Lembram da trajetória, da travessia? Zé agora tinha que lidar com uma tal de colostomia, coisa estranha que o aturdiava, azoava e daqui pra frente e para sempre, todo os dias. Antes não sabia, se confundia, mas um moço de técnica sabida, no início e quase todos os dias o acudia. Eita, quase esquecemos de Maria, companheira de todos os dias, mulher de força maior não tinha, um ano por toda travessia estava sempre presente, todos os dias, mas Maria virou arrimo de família: *“então de início quem fazia essa troca era minha esposa. Eu deitava na cama e ela que trocava pra mim, só que aí ela ficou um ano me acompanhando no tratamento, ela ficou desempregada e quando o patrão dela ficou sabendo da minha doença, ele mandou ela embora de imediato, né? Então demitiu ela, aí ela me acompanhou um ano certinho da minha doença, ela me acompanhou em Montes Claros no meu tratamento e aí tudo que tinha que fazer ela fazia pra mim, ela me ajudava a trocar a bolsa, só que quando ela voltou a trabalhar, aí eu aprendi a trocar sozinho”.*

Agora, Zé, o que antes desconhecia, hoje conhece, ensina como aquele moço que o socorria outro dia. Nesse período de adaptação às mudanças anatômicas do corpo, os usuários de bolsa de colostomia modificam sua vida: passam a usar roupas folgadas para disfarçar a presença do coletor e a fisiologia do funcionamento do intestino se altera, o que pode causar constrangimento e levar o indivíduo a se isolar; além disso, percebem a mutilação do corpo, que era são outro dia, mas reinventam seus hábitos de vida: *“seu diagnóstico é esse, você vai ter passar por tratamento, isso que vai ter, vai ter amputação do reto e você vai ter que usar a bolsa pro resto da sua vida, eu falei, doutor, fazer o que? Às vezes eu fico com a mão em cima pegando, porque assim, se alguém esbarrar na minha barriga, eu não posso ter nenhum esbarrão na minha barriga pra mim machucar ou então eu ir um evento, uma festa cheia de pessoas, aquela aglomeração de muita gente”.* Então, o jogo de bola e andar de bicicleta ficaram para sempre na memória. Zé virou um homem receoso e de extrema cautela.

Nesse caminhar, Zé conheceu um rapaz jovem, atuante, humanizado, competente, um profissional altamente qualificado, sim, Zé conheceu o jovem SUS: *“o tratamento deles foi dos melhores possíveis, acho que eles fizeram o melhor por mim, eu só agradeço mesmo”* - *“você chega em um*

lugar igual lá, eles me trataram muito bem, não tenho nada a reclamar só agradecer mesmo, me trataram como um ser humano merece ser tratado, então assim, me senti muito honrado entendeu” - “a gente então não precisa comprar nada, eles fazem a doação da bolsa que vem de graça pelo governo” - “a colonoscopia é muito difícil lá, lá demora mais de 7 meses pra conseguir uma colonoscopia, ai eu tive que conseguir pela prefeitura, mas ai eu consegui pelo SUS da prefeitura da minha cidade porque a colonoscopia lá é quase impossível de conseguir”.

Eita, menino arteiro, esse SUS. Atende pobres e ricos, baixo ou alto, gordo ou magro, os felizes e os infelizes com a vida, atende quilombola, indígenas, ribeirinhos, atende homem, mulher e toda diversidade que é possível de existência. Ele salva a vida, ele inspira a vida, ele atravessou e perpetua na vida do nosso caipira.

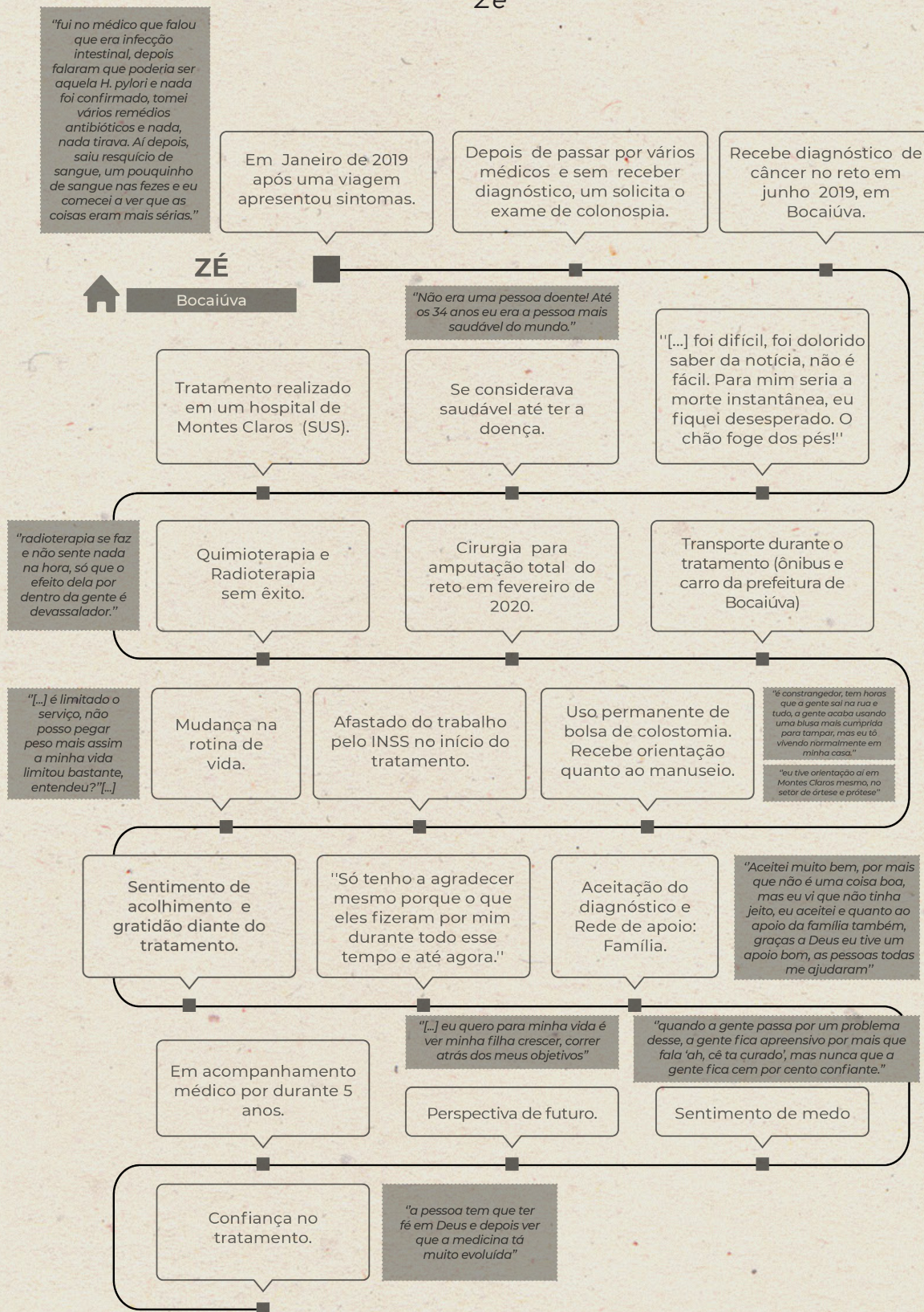
Nosso protagonista, por alguns segundos, pensou que viraria pó e seria levado pelo vento, seria lembrado apenas no tempo. Que nada! Zé é flor, é pé de pequiheiro que a vida torce, contorce, retorce, mas se mantém vivo e curado e sempre acompanhado pelo jovem lá de cima. Zé é outro: *“eu procuro assim não ficar reclamando da vida, não ficar chorando, não ficar né, se sentindo derrotado, porque eu acho que eu sou vitorioso né, de ter sobrevivido então é só vitória mesmo”.*

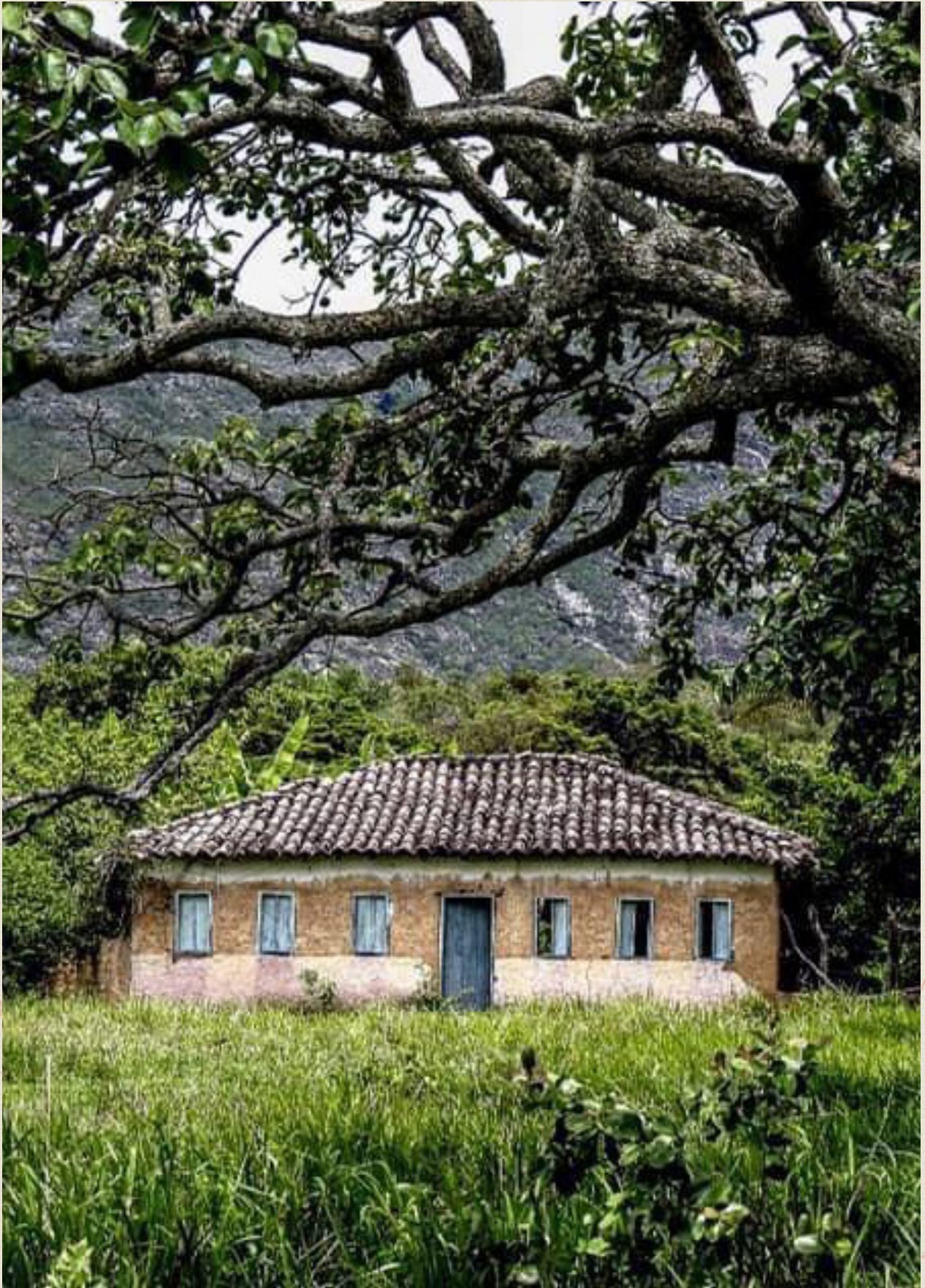
Homem de fé e espiritualidade, aprendeu a não mais se esconder, pois, agora, a sua história será contada aos ventos, levada pela luz aos quatro cantos do mundo ou, pelo menos, pro sertão, que já tá bão é por demais: *“é uma coisa que não tem como a gente esconder de ninguém, é uma coisa assim que infelizmente não é só comigo que acontece, acontece com várias pessoas e eu fico lisonjeado de tá podendo contar minha história, não foi uma coisa boa que aconteceu, mas aconteceu e era pra eu passar, não era pra ninguém passar, né: E então assim, agradecer a Deus o tempo todo”.* Zé segue hoje com 35 primaveras e muitas ainda por vir.

História 4

A vida torce, contorce e retorce

Zé





Curral, Botumirim, MG

É muito cedo para desistir

Por Samantha Souza da Costa Pereira



Vou seguindo pela vida

[...]

Já não quero mais a morte
Tenho muito que viver!

[...]

Já não sonho, hoje faço
Com meu braço, o meu viver!

Milton Nascimento

A frase que intitula esse texto pode parecer clichê, visto que aqui, neste livro, são narradas histórias reais de pessoas que receberam diagnóstico positivo para câncer. Mas, se você se dispuser a ler essa crônica, perceberá que, dita por quem a proferiu, a expressão em destaque foge do lugar-comum e nos apresenta à força matripotente de uma mulher cujo relato, juro (!), vale a pena conhecer!

A protagonista dessa história faz jus à poesia cantada por Milton Nascimento, em sua clássica música “Maria, Maria”, que descreve a energia, o vigor de uma – das tantas mulheres do Planeta – que, não obstante às dificuldades que atravessam sua caminhada, cotidianamente, mistura dor e alegria, e... sorri. Sorri mesmo quando o diagnóstico médico, as circunstâncias de perda que a circundam e sua conjuntura social difícil lhe desafiam a chorar.

Pensando bem, talvez seja necessária uma correção aqui. Considerando que a poesia se inspira na vida, é “Maria, Maria” que consegue captar, com tamanhas beleza e graciosidade, a história de mais uma Maria – aquela, a quem se refere esse texto: nascida no sertão de Minas Gerais, mãe de cinco filhos (acerca dos quais ela faz alusão, carinhosamente, que “estão espalhados pelo mundo”), avó de onze netos, evangélica, divorciada do primeiro esposo, viúva do segundo companheiro, residindo de aluguel, desprovida de emprego, renda ou qualquer benefício social e que, aos 58 anos, enfrenta a batalha contra o segundo câncer que lhe acometera.

O primeiro diagnóstico: o câncer de útero – Após um exame de Papanicolau, realizado na Atenção Primária, a enfermeira que o executou desconfiou que havia algo relevante no material citopatológico coletado e encaminhou Maria a um médico especialista. O diagnóstico positivo para câncer do colo do útero a surpreendeu, pois ela afirma que fazia as consultas preventivas anualmente e que os resultados se apresentavam sempre dentro da normalidade. O médico que lhe atendeu foi célere no diagnóstico, mesmo sem qualquer laudo que comprovasse a suspeita: “*é, Dona Maria, eu não vou te afirmar, mas parece que a senhora já está com câncer*”. A notícia veio assim: nua e crua, dada a uma mulher que estava desacompanhada, sem alguém que pudesse confortá-la e acolhê-la naquele momento.

Ah! Mas, as Marias! As Marias, donas de gana e graças inspiradoras, têm, também, a “*manha*” que a vida requer para enfrentar, dentre outras tantas arduidades, os maus prognósticos que transversalizam suas trajetórias. As Marias, que são surpreendidas, reiteradamente, pelos reveses e desafios que suas existências trazem consigo, possuem o dom, a magia, a força que fascinam tanto a arte quanto a vida, e colocam esperança no lugar do medo. Ao receber a devastadora notícia do médico, Maria lhe respondeu, sem pestanejar: “*tudo bem não tem importância. Tem cura? Tem, então ‘bora’ lá. Vamos fazer o tratamento!*”.

Próximo de finalizar as quimioterapias e as trinta sessões de radioterapia, prescritas para o tratamento do câncer do colo do útero, Maria conseguiu palpar, num autoexame, um nódulo em sua mama esquerda. Avaliações realizadas a posteriori constataram seu segundo diagnóstico de câncer: tratava-se, desta vez, de um câncer de mama. O processo que se encerrava no enfrentamento do câncer cérvico-uterino dava lugar a uma nova peregrinação: a luta para a retirada cirúrgica do tumor mamário. Dessa vez, Maria foi submetida a seis sessões de quimioterapia e dezoito de radioterapia, as quais lhe trouxeram como ônus a perda dos longos cabelos, mal-estar generalizado e inapetência total. Sequer a água que ingeria era absorvida por seu organismo, dadas as intensas crises de vômito. Somando-se a isso, sua diabetes descompensou, levando-a a um processo de hospitalização, com vistas ao seu controle.

Poderíamos imaginar que, diante de tantos dissabores, nossa protagonista estava, a essa altura, externando o legítimo sentimento de “revolta com a vida”, sentindo-se, quem sabe, injustiçada, ou vítima de uma cruel sucessão de acontecimentos que lhe custavam tanto. Mas, a força de Maria é flagrante, salta aos olhos de quem conhece sua história. Tanta força assim chega a causar espanto, de modo que a médica que a tratara comentou, em uma das consultas: *“dona Maria, a Senhora parece que nunca teve câncer na sua vida e a senhora já enfrentou dois! [...] tem tanta gente que passa aqui por minha mão que parece que vai morrer e a senhora é uma pessoa que me parece que não teve essa doença!”*.

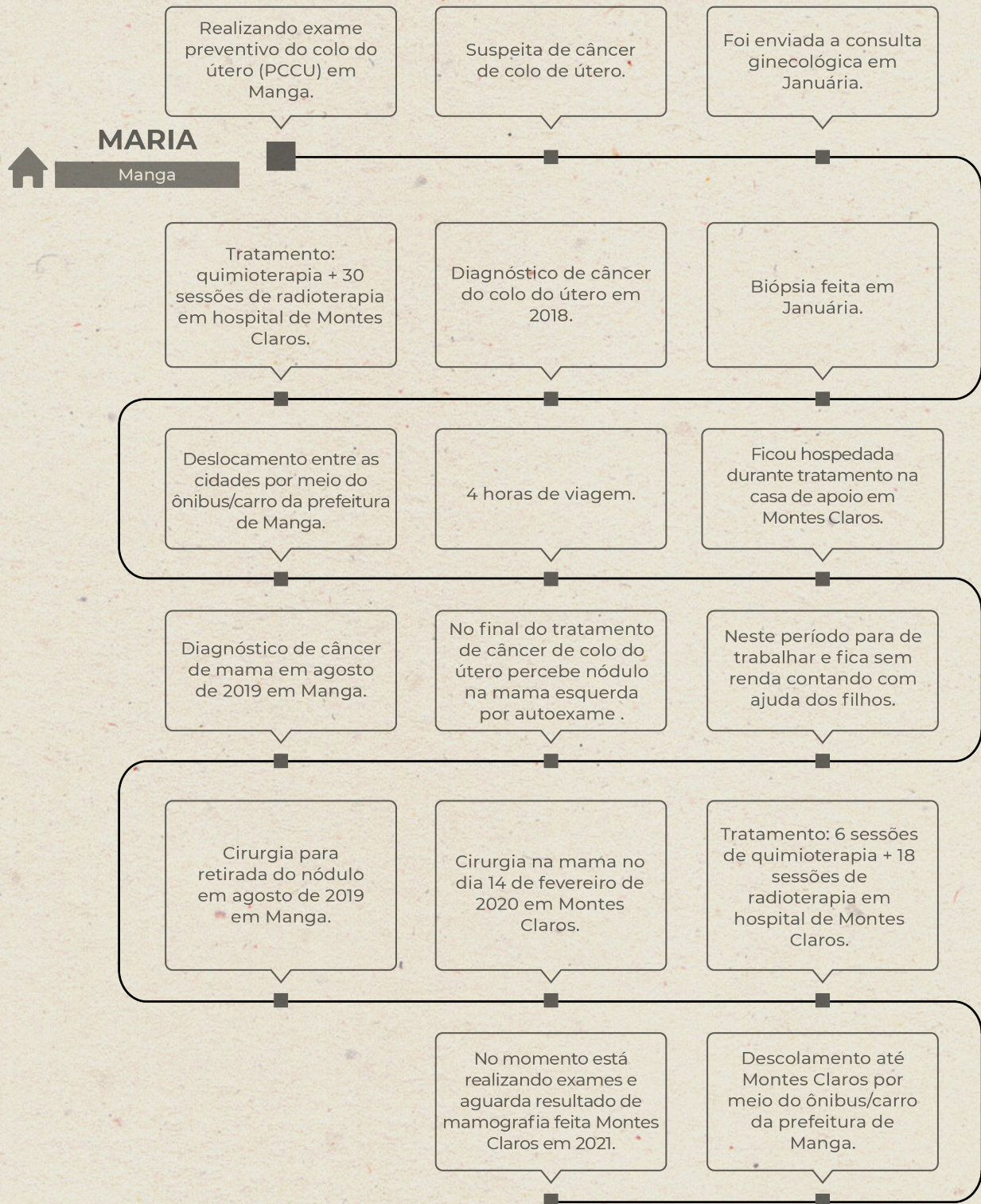
Talvez essa esperança, tão proeminente numa vida difícil e penosa, advenha do que Milton Nascimento nomeou como “marca Maria, Maria”, inscrita nos corpos das Marias, conduzindo-as à ambígua e fascinante experiência de “misturar dor e alegria”. Tanto que, à observação feita pela profissional que lhe tratava, citada no parágrafo acima, nossa Maria respondeu: *“Eu não abaixo minha cabeça para doença nenhuma”*. Decerto, Maria não se curvara diante das dores provocadas por dois cânceres, nem perante a dor devastadora que a morte trágica – num acidente de carro – do seu companheiro, lhe causara, em meio ao tratamento do segundo câncer.

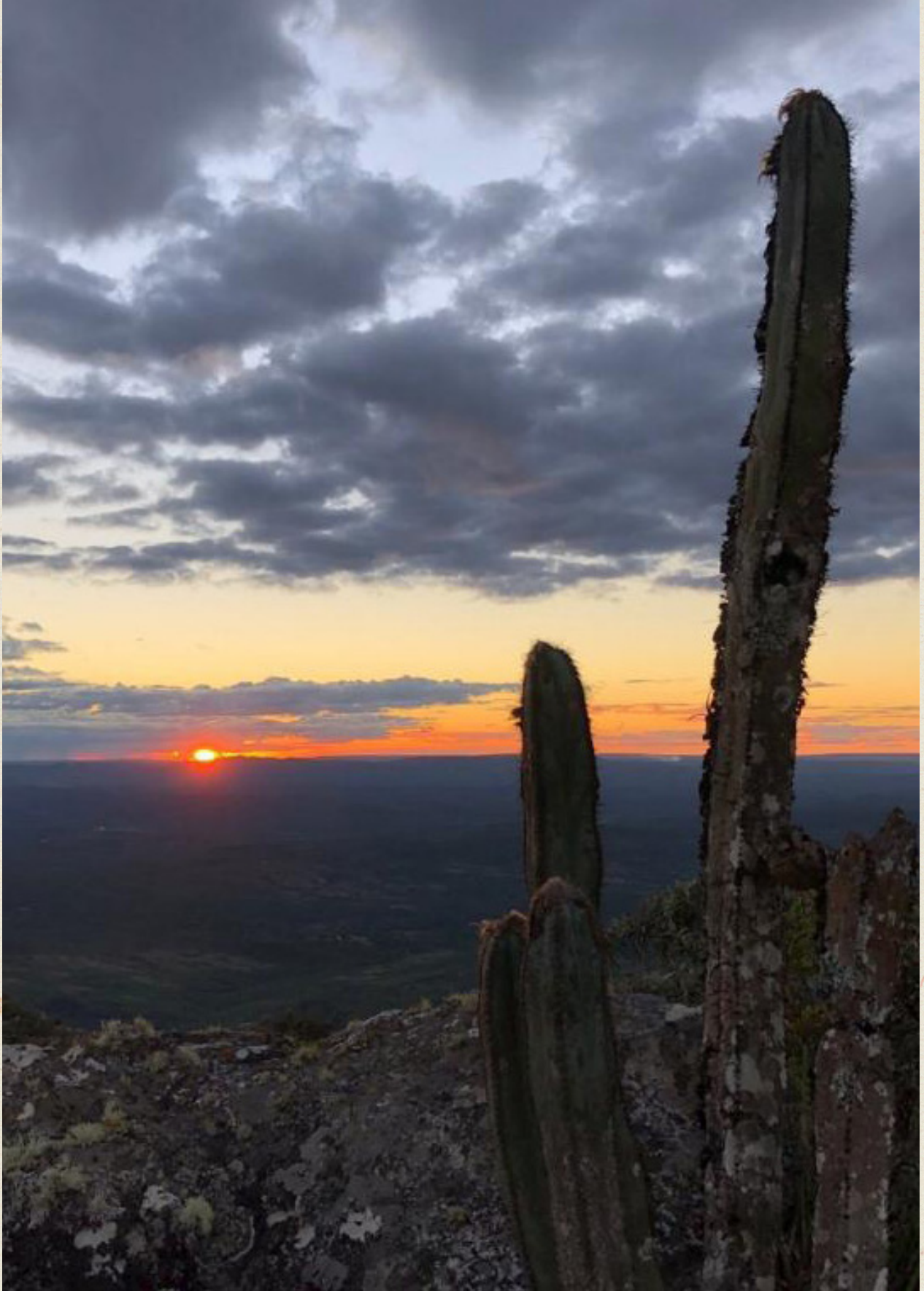
E Maria, como aquela retratada na poesia, segue a vida: não apenas “aguentando”, mas, admiravelmente, também, vivendo. Novos cabelos começaram a nascer e, com eles, a persistência, que se mistura à confiança de que dias melhores possam surgir. De que a caminhada lhe seja mais leve e generosa. De que a vida lhe sorria. De que o sol volte a brilhar para ela e que seus raios se desenhem de maneira semelhante à sua caminhada difícil e iluminada: em “doses fortes e lentas”. Maria segue vivendo, amando, sorrindo, chorando, ocasionalmente perdendo, mas sempre lutando. Vencendo? Às vezes. Mas nunca desistindo. Marias não desistem e nossa protagonista prova isso, afinal, ela é daquelas mulheres que possuem “a estranha mania de ter fé na vida”.

História 5

É muito cedo para desistir

Maria





Campina do Maracujá, Botumirim MG

Uma nova forma de viver

Por Orlene Veloso e Patrícia Paiva

“

O sertanejo
é, antes de
tudo, um
forte.

Euclides da Cunha

Nessa história, vamos apresentar o Sr. Quartzo. Já adiantamos: não é por acaso que ele tem esse nome. O mineral quartzo é conhecido na natureza por ser um dos mais resistentes, com um alto grau de dureza, bem parecido com um diamante, e simboliza coragem, otimismo e equilíbrio.

Natural de Espinosa, casado, há 60 anos o Sr. Quartzo agradece a Deus pelo dom da vida. Proprietário de uma simples oficina, uma humilde oficina como ele mesmo fala, tem quatro filhos e quatro netos. Segundo ele, *“eu estou aqui, como se diz, pedindo a Deus mais uns, mais uns, mais uns anos de vida, para que Deus abençoe que dá tudo certo”*.

“Olha, no início do meu problema, eu notei o seguinte, que eu estava fazendo xixi muito constante né, e aí eu resolvi fazer uns exames. Na época eu fiz o PSA, que deu alterado. Eu fiz o ultrassom, deu alterado também. Aí, eu fui até outra cidade para fazer um exame de toque. O médico me pediu uma biópsia e na época eu peguei o pedido e levei para a secretaria de saúde da minha cidade, em 2013. Na época, na realidade, eu não dei importância pro o caso”.

No viver do homem sertanejo não consta a opção “ficar doente”. Ficar doente, para o ser ‘mais forte’ da família, estava fora de cogitação. Então, o recurso é negar, negar a situação, negar a doença. É preciso mostrar força. Percebe-se a negação ao se pensar em doença nas falas do sr. Quartzo: *“e aí, esse pedido ficou na Secretaria de Saúde e lá ele ficou por muito tempo. E eu também não dei importância na época, eu bebia, trabalhava, bebia, aí também não dei a importância necessária, isso passou um bom tempo”*.

Como diz o Augusto Branco, “é muito fácil ser macho, isto até um bicho consegue ser. Difícil mesmo é ser Homem”. A sociedade, até os dias de hoje, impõe ao homem a postura de virilidade, de força. O homem é visto como ser superior, que não sofre, não adoece; é forte, precisa ser forte. No caso do homem sertanejo, isso é ainda mais evidente. O homem sertanejo, por resistir a situações como seca, fome, abandono e outras dificuldades, não pode se mostrar frágil. Diante da situação, o Sr. Quartzo recorre à bebida como forma de distração, não se conformando que pode estar doente. “Porque no fundo eu sei que a realidade que eu sonhava afundou num copo de cachaça e virou utopia” (Caio Fernando Abreu).

Percebendo que não havia como fugir para sempre, o senhor Quartzo resolve de vez tomar a rédea da situação, procurando o serviço de saúde. *“Depois eu voltei a fazer os exames de novo. Em 2019 eu fui e passei pelo médico, fiz o PSA e deu alterado, eu fiz ultrassom deu alterado, eu fui a Montes*

Claros, fiz a biópsia, ela deu alterada, aí eu iniciei o tratamento. Eu procurei um médico particular, ele me deu o orçamento do tratamento, mas como ficava muito caro, eu resolvi é fazer o tratamento pelo SUS. E graças a Deus como a gente tem um conhecimentozinho aqui em Espinosa, isso também influi. Eu consegui fazer todos os exames, eu fiz e marcaram a cirurgia, eu fiz a cirurgia no dia quinze de abril do ano passado. Depois que eu fiz a cirurgia fiquei em recuperação, fiz a fisioterapia, a radioterapia; eu fiz trinta e duas sessões de radioterapia em Montes Claros, e hoje eu encontro aqui em Espinosa e continuando o tratamento”.

Não foi fácil passar por esse processo. A peleja é longa e, mesmo assim, o senhor Quartzo levou até o fim o tratamento, demonstrando força e esperança, porque se tem uma coisa que o sertanejo tem é esperança. Esperança de que isso tudo isso ia passar e logo ia poder retornar para o seu posto de esposo e provedor do lar. *“Agora mesmo eu estou esperando o resultado de um PSA pra levar até Janaúba pra mostrar pro médico. Eu achei que eu ia ir pra Montes Claros, porque o tratamento iniciou aí e continuou aí, mas agora eles mandaram eu ir para o médico em Janaúba, e assim sexta-feira, se Deus abençoar que dê tudo certo, eu vou em Janaúba pra mostrar o resultado pro médico”.*

O senhor Quartzo é homem bem sabido, está atento a tudo que acontece ao redor e dentro de si. Após a cirurgia, percebeu que a bexiga já não era mais tão forte quanto antes. O “xixi” saía fácil: *“olha, é o seguinte, é porque eu tomo muita água, eu consumo muita água então, o xixi por exemplo, eu sempre estou fazendo um constante, agora depois que eu fiz a cirurgia, o PSA, esse último que eu fiz, ele tinha caído a zero. Agora eu não sei esse de agora, eu ainda não peguei o resultado”.*

A vida mudou, e mudou muito. Nunca, em um dia sequer na vida, o senhor Quartzo se imaginou usando fralda. Onde já se viu, chegar nesse ponto? Fralda é coisa de menino! Não seria fácil, mas era preciso. Sabido que é, logo procurou tratar: *“mas a cirurgia é o seguinte, a cirurgia ela me deixou com uma incontinência urinária, com a sequela da incontinência. Eu estou fazendo uma fisioterapia aqui em Espinosa, eu tô fazendo, aliás, tô iniciando a segunda sessão de fisioterapia pra ver se Deus abençoa que essa situação seja resolvida. Vou continuar fazendo para mim ver, se não resolver eu acredito que eu vou ter que voltar no mesmo médico que fez a minha cirurgia, para mim ver que que ele resolve nesse caso, porque isso incomoda, isso deixa a gente incomodado! Porque eu até no momento, eu tô usando fralda. Eu vou trabalhar, eu uso fralda, hora que eu chego em casa eu tenho que trocar, então isso me incomoda bastante”.*

Apesar de se mostrar angustiado pela “nova forma de viver”, o senhor Quartzo demonstra ter muita fé. Ser homem de fé é você viver uma única alternativa: aquela de não poder recuar. É como diz Santo Agostinho: “Deus só nos pede aquilo que Ele já nos deu. Tudo está em nós sob forma de dom”. Com esse pensamento, o senhor Quartzo demonstra sua paciência em encarar a situação ali à sua frente:

“Olha, eu na realidade, recebi a notícia mais com tranquilidade pra ser sincero, eu sou uma pessoa muito tranquila nessa parte, eu não sou de desesperar, eu coloco na mão de Deus, eu coloco todos os meus problemas na mão de Deus e Deus decide o que vai ser da minha vida sabe? Eu não entrei em desespero, a minha família também tá tranquila. Eu sou um homem tranquilo, eu tenho consciência do problema porque é um câncer de próstata, de qualquer maneira é um câncer de próstata maligno. E o que acontece é o seguinte, eu não vou me desesperar de maneira nenhuma, eu vou procurar um jeito de solucionar o meu problema. Mas, é como eu falei, entrego pra Deus, Deus decide. Só que eu não sou assim de esmorecer, não sou de desesperar, e a vida continua. A vida continua e a gente entrega na mão de Deus e nas mãos dos médicos também porque eu, na realidade, eu fiz esse tratamento aí, e eu só tenho a agradecer muito aos médicos que cuidaram de mim, por exemplo, eu fiquei na Casa de Apoio em Montes Claros, fui muito bem recebido”.

Com muito entusiasmo, o senhor Quartzo conta sobre o apoio recebido. O povo sertanejo carrega essa característica na essência do seu ser. Ser solidário, ser unido, pois é na união que se fornece todo apoio que o outro precisa para viver. E se tem algo pelo qual o senhor Quartzo é grato, é pelo apoio:

“A casa de Apoio, o pessoal é muito bacana, uma casa muito aconchegante muito boa, e eu só tenho a agradecer eu não posso falar mal de maneira nenhuma porque eu sou financeiramente um homem fraco, eu não tenho condição financeira assim de pagar um tratamento desse aí particular, porque eu sei que ele fica pelo um custo alto. Então eu consegui fazer esse tratamento todinho pelos SUS, pelas mãos dos médicos que me fizeram a cirurgia. E então eu só tenho a agradecer”.

Sobre as idas e vindas para se cuidar e cuidarem dele, o senhor Quartzo ia para a outra cidade no carro da “saúde” e, algumas vezes, era levado pela filha. A casa que ficava na cidade era essa Casa de Apoio, que tanto fez diferença em seu tratamento. E a minha esposa que tá aqui do meu lado. A dona Ametista é esposa do senhor Quartzo. Não tem como não falar da importância que a família teve nessa peleja. Por meio dela, o senhor

Quartzo se fez forte, homem ainda mais forte do que já é. A família é o hospital mais próximo: quando alguém está doente, é ali que encontra a cura “Papa Francisco”.

Gostoso é encontrar o amor da sua vida, todos os dias, na mesma pessoa. O amor que sua esposa Dona Ametista demonstra é um combustível para o senhor Quartzo enfrentar a doença: *“a gente tá com trinta e quatro anos juntos de casados, é uma vida muito importante, a gente tá dando apoio nesse momento, tanto ele me dá apoio porque hoje mora só nós dois. Depois da cirurgia também que ele precisa muito (ênfase) de mim, que a gente mostra o quanto a gente ama aquela pessoa que a gente escolheu pra toda vida”*.

Ao mesmo tempo em que o senhor Quartzo é grato pelo apoio e presença de sua família, ele se mostra também inquieto com algo. Assunto delicado, principalmente para homem sertanejo, em que é atribuída toda virilidade e masculinidade. O nordestino é, antes de tudo, um “macho”. Não é qualquer homem; é um homem rude e forte.

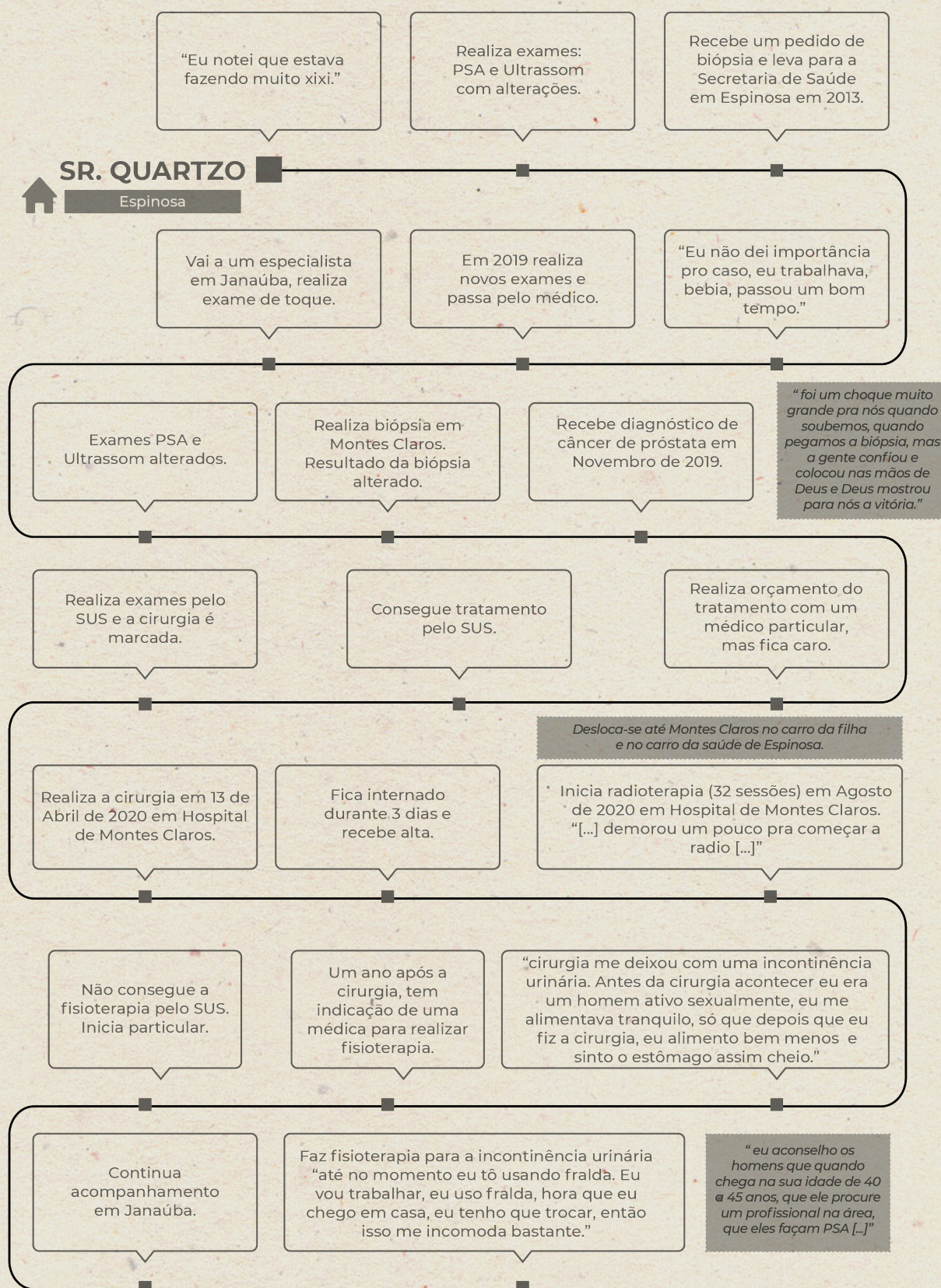
O senhor Quartzo não deixa de contar que era um homem ativo: *“antes da cirurgia acontecer, eu era um homem ativo, sexualmente falando. Aí a minha vida sexual mudou, não tá bacana, não tá legal. Eu não sei se foi devido umas injeções que eu tomei no pé do umbigo, eu tomei duas injeções, que eu perguntei a médica qual era a função dessa injeção e ela me disse que seria assim, tipo uma castração humana. Ela falou humana; é uma castração humana! Ou química que vamos dizer assim, né? E aí, nesse tempo todo que eu fiz a cirurgia, eu ainda não tive nenhum ato sexual e o que eu tô achando complicado também porque eu estou com sessenta anos de vida, então eu acho que eu não sou nenhuma criança, mas também eu acho que também não sou tão velho assim!”*.

E a história do senhor Quartzo passa por resignação, fé, agradecimentos e esperança de se tornar aquele homem forte de outrora.

História 6

Uma nova forma de viver

Sr. Quartzzo





Ipês amarelos, Retiro, Botumirim MG

O prazer nas
pequenas
coisas

Por Pamela Scarlath



Será que é o
tempo que
lhe falta pra
perceber

Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara, tão rara

Lenine

Dona Helena vem de uma cidade bonita no norte de Minas. Lá tem muitas frutas, estradas coloridas pelas flores na primavera e a piracema no rio. Sim, ela cresceu e se criou numa cidade que tem um mar de água. Que sorte na vida tem Dona Helena.

Ela começou a pensar mais no rio e nas flores quando foi fazer sua laqueadura e descobriu o câncer. Só queria encerrar a vida reprodutiva, agora que já tinha seus três filhos queridos. Aquela cirurgia mudou tudo: ali, ela, de alguma forma, renasceu. O câncer mudou tudo. Doença longa. Até agora, já são oito anos em tratamento.

Antes, a vida era cuidar da família, da casa, trabalhar e ir à igreja. Os novos itinerários incluíam ver as plantações de uvas da estrada, através da janela de um ônibus pequeno, apertado e sem banheiro, em direção à cidade vizinha, onde faz seus tratamentos.

Foram mais de cem vezes que viu as flores nascendo e murchando na estrada. Sempre o mesmo caminho para o destino certo: fazer mais quimioterapias, cirurgias, correr atrás de mais anos de vida.

Dona Helena não sabia que podia viver sem partes do seu corpo, mas, na medida em que o câncer avançou, ela foi descobrindo que era possível seguir sem uma parte do intestino, sem o útero. O importante é ter coragem e continuar. Essa mulher é muito corajosa. Os amigos e colegas a veem como exemplo para nunca desistir diante de desafios.

Ela também tem medo às vezes; medo de morrer, medo de não ver mais, de não estar perto das pessoas que ela ama.

O câncer foi e voltou várias vezes. Cada início é uma experiência diferente. É um novo medo, um novo momento. Ela acha difícil. Tem colocado Deus na frente, vai pedindo a Ele, clamando, e as coisas vão acontecendo de acordo com sua vontade. A fé tem sido seu mecanismo de continuar sonhando, lutando e indo atrás de tratamentos e de momentos de vida feliz.

A família também tem sido um suporte importante na vida da Helena. Eles a apoiam, não desistem de si mesmos. Ela encontra força nos sonhos dos seus filhos: os três estudam, trabalham e fazem os olhos de Dona Helena brilharem todo fim de dia, quando contam suas conquistas. A vida fez sentido vendo como a criação deles foi boa e lhes deu condições de escolherem profissões. Duas filhas escolheram a enfermagem, que cuida das pessoas. A vida de Dona Helena, os tratamentos e a necessidade de cuidados podem tê-las inspirado.

Não o câncer em si as inspirou, mas as pessoas que cuidaram da doença de Dona Helena. A forma como deram atenção, aliviaram a dor daquela mulher, ofertaram um ouvido atento às necessidades e a presentearam com a amizade e palavras doces em dias difíceis. A forma de cuidar tornou os dias mais leves.

Quantas pessoas novas foram conhecidas nesses longos anos de tratamento. Outros pacientes, na mesma situação, compartilhavam seus itinerários. Dona Helena comenta que o tratamento oncológico parece que é lidar com a perda toda hora. O companheiro de viagem de hoje pode não voltar na outra semana. Ela nunca tinha perdido tanto em tão pouco tempo. Cada despedida deixava um vazio, uma memória triste.

A sua imagem também mudou no decorrer dos anos vivendo com o câncer. Ela tinha cabelos escuros, longos, grossos. Seu marido sempre elogiava seu cabelo cacheado e volumoso. Agora, ela olhava no espelho e já não via mais a mesma pessoa. Não tinha mais o cabelo, não tinha sobrancelha, era como se não tivesse mais nada. Não era a mesma pessoa, era um ser estranho que assumiu o seu lugar. Ofereceram perucas, mas não era a mesma coisa: não fazia parte dela. Preferiu, então, cobrir a cabeça com lenços. Em alguns dias, se sentia bonita, gostava até de sair de casa. Tinha vergonha, medo dos olhares pelas ruas, na missa. Na sua formatura da faculdade, que tanto sonhou em fazer, não se reconheceu nas fotos.

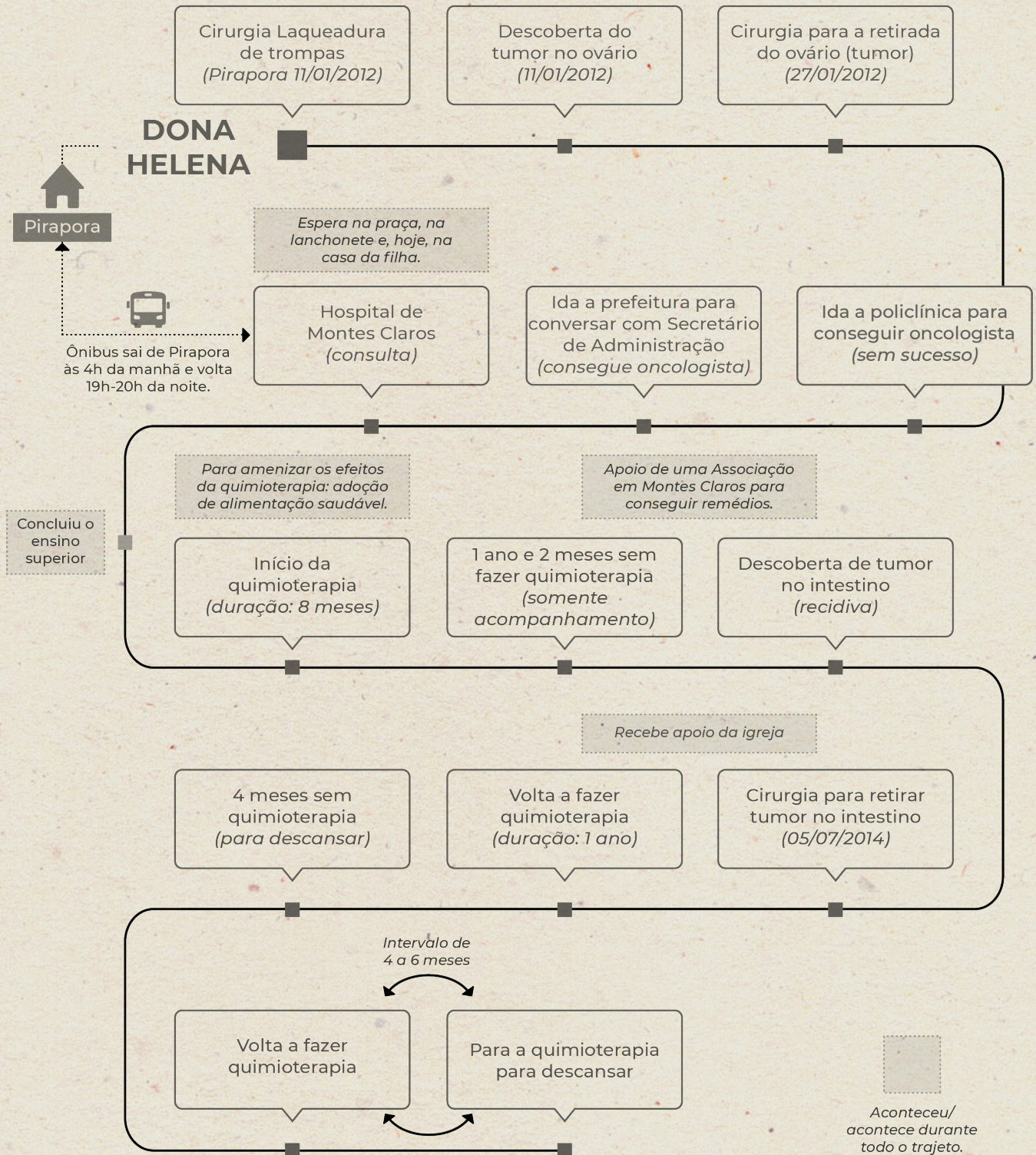
Ao final da conversa, Dona Helena reflete sobre sua vida e destaca que, depois do câncer, deu valor às coisas que antes não dava. Dona Helena se redescobriu: antes, deixava os sonhos para mais tarde, daqui uns anos, quando surgisse a oportunidade ideal. Agora, não é mais assim: ela queria a faculdade, foi lá e fez; queria dirigir um carro, foi lá e tirou a carteira. Os desejos e sonhos a movem, ela diz que não pode morrer agora, não! Ainda tem que fazer isso e isso.

As prioridades também foram mudando. Os prazeres nas pequenas coisas foram sendo encontrados e, apesar de toda dificuldade, dor e tratamentos, existe uma vontade de viver, cada dia mais.

A história de Dona Helena é marcada pelas partilhas, por amizades, família, fé e encontros que dão força, pois “A beleza da vida se multiplica cada vez que a gente partilha com alguém que a gente ama. Se você quiser multiplicar a vida, precisa dividi-la” (Padre Fábio de Melo).

História 7

O prazer nas pequenas coisas Dona Helena





Sempre-viva, Buenópolis MG

A razão de não desistir

Por Samantha Souza da Costa Pereira

“

Deus sempre
está comigo.

Quando eu entro na sala cirúrgica,
quando eu faço a quimioterapia, antes
[...] que eu entre, o anjo já está lá, me
esperando.”

(Rosa)

É com essa fé que Rosa, de 43 anos, moradora de uma periferia do Sertão de Minas Gerais, há nove anos, luta contra o câncer. Em várias circunstâncias, ela pensou em desistir, mas o desejo de viver e ver criada a sua filha de quatro/cinco anos, se sobrepôs ao desânimo que a doença lhe impunha. A história de Rosa é atravessada por aflição, resistência, sofrimento, tristeza e angústia, porém, ao mesmo tempo, esperança, solidariedade em meio ao caos e persistência inabalável. Não estamos falando de mais uma Rosa brasileira, mas de uma mulher que passou por sessenta e seis cirurgias e dois transplantes, na tentativa incansável de dar continuidade à dor e à delícia que é viver.

Rosa relata que, ao enfrentar uma gestação gemelar, realizando exames de rotina, descobriu-se anêmica. A médica que a acompanhava iniciou, assim, o tratamento protocolar para anemia na gestação. Com a idade gestacional de oito meses, Rosa perdeu suas gêmeas e, segundo ela, um sentimento de revolta lhe abateu, o que a fez negligenciar o tratamento para o quadro anêmico, que, a esta altura, já se encontrava num estágio severo.

Algum tempo após a descoberta da anemia, submetendo-se a exames mais minuciosos, Rosa recebeu o diagnóstico de leucemia. O médico que a diagnosticara fora incisivo em seu ultimato: “você tem apenas seis meses de vida!” Sem tempo ou condições de elaborar qualquer sentimento dentro de si, ela recebera, assim, sua sentença de morte. Foi nesse momento que, segundo Rosa, entrou em sua vida uma amiga psicóloga, a quem ela chama, carinhosamente, de “Anjo”, que integrava um projeto social, do qual nossa flor protagonista fazia parte.

Esse “Anjo” exerceu um papel essencial na vida de Rosa, estimulando-a a prosseguir, a não desistir do tratamento, das quimioterapias, das radioterapias, incentivando-a e orientando-a no processo de adoção de uma criança, considerando o difícil tratamento pelo qual ela passava e a perda pregressa de suas gêmeas. A filhinha adotiva tornou-se, então, a sua razão de não desistir, de seguir adiante, apesar das recidivas, metástases, mutilações cirúrgicas e descobertas constantes de novos tumores. Em uma de suas falas, Rosa considera: *“então, eu tinha que lutar pelo menos por ela”*.

Enquanto se recuperava da remoção de um tumor no intestino, de onde fora retirada, também, uma porção deste órgão, Rosa recebeu uma ligação de um estado vizinho, onde residia sua irmã, também na região sudeste, convidando-a a doar um dos seus rins a essa sua parente. Exames realizados previamente apontavam para a compatibilidade de ambas e a irmã de Rosa estava em processo de hemodiálise - apresentando quadro de insuficiência renal crônica

- e necessitava de um transplante renal urgente. Mesmo convalescendo de uma cirurgia de grande porte e enfrentando a peregrinação contra o câncer, Rosa não mediu esforços: deslocou-se para outro estado e, numa atitude de solidariedade e admirável identificação com a dor do outro, doou um dos seus rins e salvou a vida de sua irmã.

Algum tempo depois, Rosa se submeteu a outro transplante. Desse feito, como receptora. A doadora era sua irmã, a mesma que recebera seu rim. Diante da esperança vislumbrada pela equipe médica, Rosa passou pelo transplante de medula óssea e voltou a sonhar. Sonhou com a possibilidade da cura, de, finalmente, poder abandonar as dolorosas e sofridas quimioterapias e radioterapias; sonhou com a chance de dar, à sua mãe idosa, o descanso merecido, de viver com sua filha e esposo uma vida que se aproximasse daquilo que considerava “normal”. Mas a vida, perita em pregar peças, por alguma razão, fez o corpo de Rosa rejeitar, após cinco meses, a medula óssea recebida. Como se não bastasse a desesperança advinda de um transplante mal sucedido, ao desenvolver novos tumores e tendo que passar, mais uma vez, por terapia quimioterápica, o único rim de Rosa apresentava sinais de insuficiência e ela necessitava, agora, de realizar hemodiálise, também. Mas o que faltava de saúde a Rosa, sobrava-lhe em fé. Sendo assim, ela acionou sua comunidade religiosa, que fez clamores e orações e, segundo Rosa, após isso, seu rim voltou novamente a funcionar.

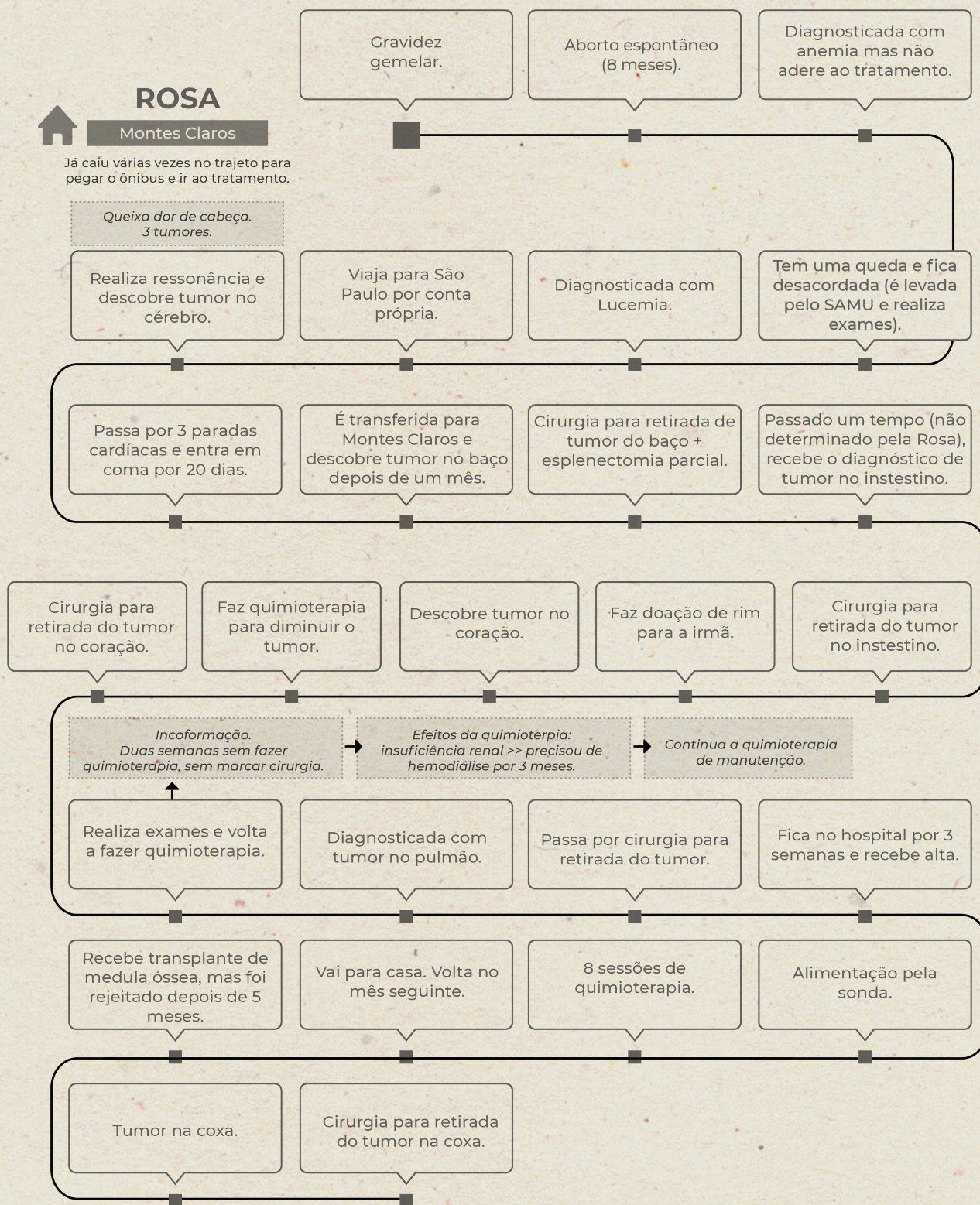
Hoje, Rosa segue sua vida, com a doença em remissão dos sintomas. Sem novos tumores, sem precisão de tratamento quimioterápico. Na verdade, o que a medicina chama de remissão, Rosa considera “cura”. É isso que sua fé lhe diz. Segue feliz - a despeito da perda dos cabelos, que tanto amava, das dores que o câncer lhe causa, das limitações que a doença lhe impõe -, lutando por sua filha e amparando-se na confiança de que Deus não a desampara e de que vive cercada por anjos, enviados para garantir seu bem-estar e o sucesso do seu tratamento. Quanto ao médico de mentalidade medieval que lhe dera o veredito de que a morte lhe sobrevinha em seis meses, já não habita o mundo dos vivos, e Rosa, surpreendentemente, persiste em sua batalha, nove anos após ouvir essa sentença.

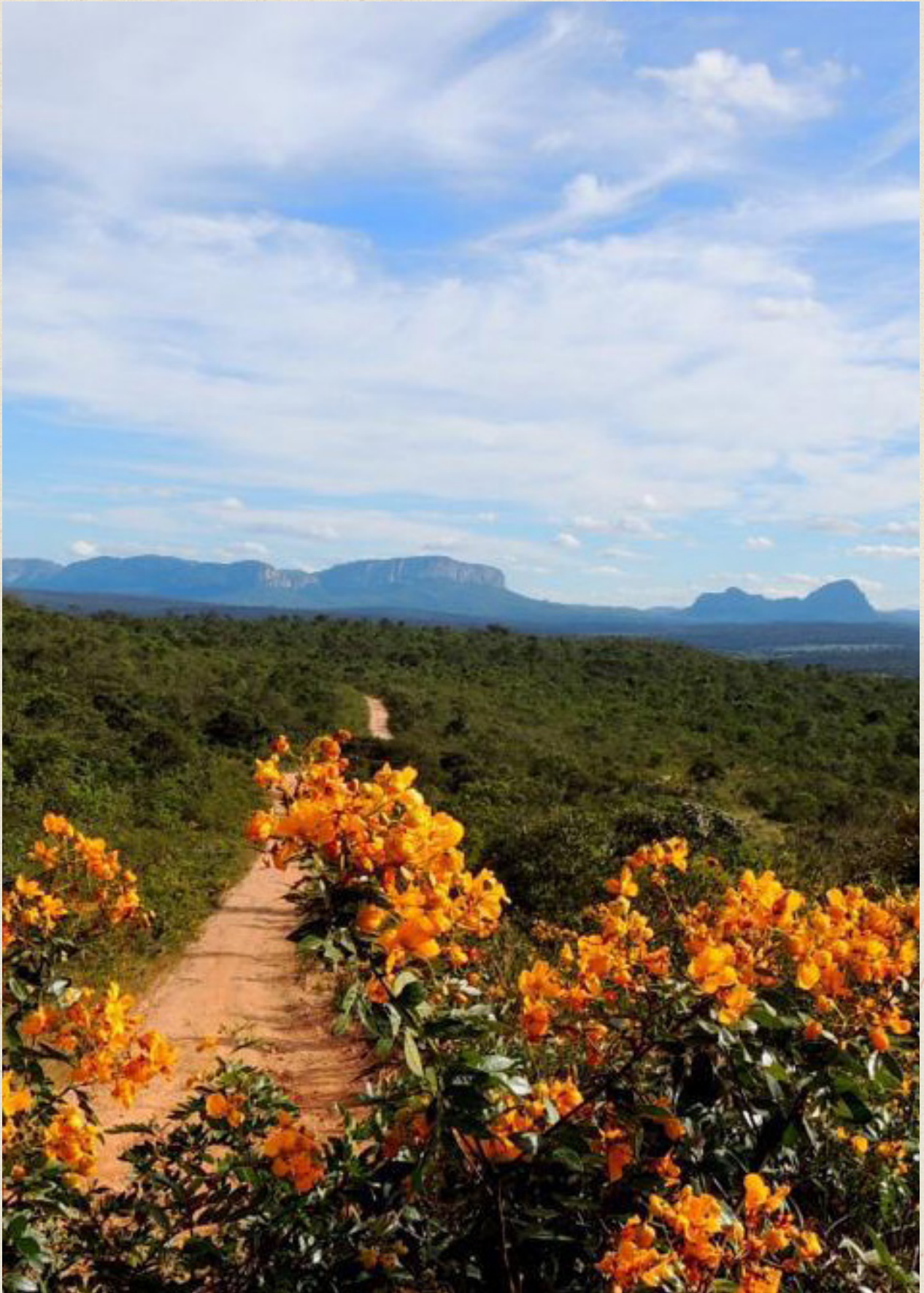
Rosa segue lutando, chorando, frustrando-se, inconformando-se, persistindo, amando, ensinando com seus exemplos, acreditando, em muitos momentos quase desistindo, mas, sobretudo, provando que “a vida é luta renhida, que aos fracos abate, e aos fortes, só faz exaltar” (Gonçalves Dias).

História 8

A razão de não desistir

Rosa





Botumirim MG

Esperançar na absoluta dor

Por Samantha Souza da Costa Pereira

“

Valei-me,
Deus!
[...] Nem
Margarida
nasceu!”

(Djavan)

Margarida, mulher de 51 anos, seria apenas mais uma mulher que, nesse imenso jardim chamado Brasil, carrega nome de flor, não fosse pela história de vida, que lhe é tão peculiar. Residente do Sertão de Minas Gerais, sem filhos, casada, sobrevivendo com dois salários mínimos e meio, Margarida deslocou-se da condição de cuidadora (técnica em Enfermagem, profissão que exerce há vinte e cinco anos), para o lugar de ser cuidada, ao ser diagnosticada com tumores em seus dois ovários, além de uma massa tumoral que comprometia seu abdome. Em terras áridas, ladeadas por um contexto pandêmico que a envolvia em solidão, a delicada Flor viu-se obrigada a resistir e criar condições de sobreviver.

A doença que acometera Margarida foi descoberta num contexto difícil: o mundo vivenciava a pandemia pelo Coronavírus. Após um mal-estar num plantão noturno, nossa Flor consultou-se com o médico plantonista, que a avaliou, solicitando-lhe um hemograma, o qual apontava uma leucocitose relevante. Diante desse resultado, o médico solicitante pediu outros exames de imagens, que indicavam os tumores ovarianos bilaterais, bem como a massa tumoral na região do abdome.

No final de outubro, Margarida descobriu o diagnóstico de câncer e, somente em dezembro, conseguiu realizar a cirurgia de histerectomia total (retirada cirúrgica do útero, ovários, tubas uterinas) e retirada da massa abdominal. Quanto à biópsia, apenas em janeiro seu resultado foi liberado. Os tumores constataram-se como malignos e só no mês de março, após enfrentar os processos burocráticos e cartoriais, próprios do Sistema Único de Saúde (SUS), nossa protagonista conseguiu iniciar as seis sessões de quimioterapia, recomendadas pela oncologista que a acompanhava.

No papel de “ser-cuidada”, Margarida refere que sua maior dificuldade foi lidar com a falta de empatia do profissional que lhe transmitira a notícia do seu diagnóstico. Segundo ela, quando se deparava com situações desafiadoras como essa, ela sempre buscava uma palavra de incentivo, de apoio, de encorajamento, de ânimo para seus pacientes e, de acordo com sua experiência, o profissional que lhe transmitira a notícia lhe dera a impressão de que sua morte aconteceria no dia seguinte. Por essa razão, refere ter sido acometida por uma tristeza incomensurável, que a deixou deprimida e a fez esquecer até da possibilidade de tratamento que existia para seu mal.

Margarida sentiu solidão, tristeza e muito medo no seu itinerário terapêutico contra o câncer. Por conta da pandemia e, somando-se a isso, sua imunidade baixa, ela não podia contar com a companhia de outros familiares – além do seu esposo – com quem já convivia. O contato com os demais familiares se

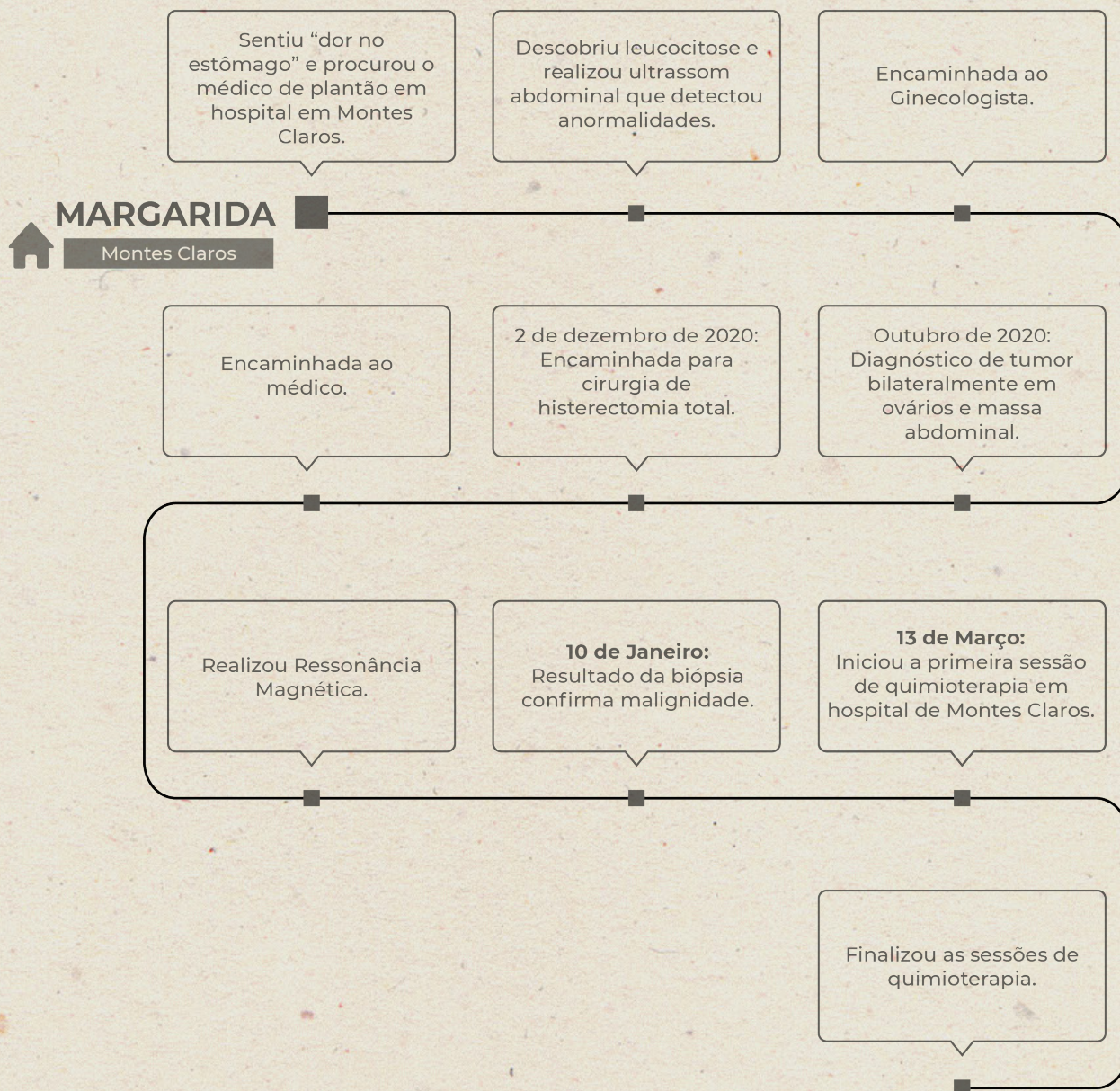
dava por meio de ligações telefônicas, chamadas de vídeo ou, quando muito, através de contatos rápidos, pelos portões que dividem as casas das ruas.

A Flor protagonista dessa história conta que, depois do câncer, tornou-se uma pessoa triste e passou a ouvir a ansiedade bater em sua porta. Não resistiu. Abriu a porta e cedeu passagem a esse sentimento que antecipa, para o presente, dores e aflições que, porventura, ocorrem, num tempo futuro. Após isso, Margarida passou a dormir somente com o auxílio de medicamentos. Para ela, ser uma profissional da área da saúde lhe confere duas possibilidades: saber que coisas ruins podem acontecer em meio ao processo terapêutico e ter otimismo diante de todas as dificuldades que se apresentam.

Margarida escolheu acreditar, em meio à total incredulidade. Escolheu ter fé, na desesperança. Esperançar, na absoluta dor. Crer na melhoria das circunstâncias, a despeito das dificuldades. Margarida escolheu acreditar que um dia colheria todo o bem que havia semeado em sua vida, enquanto ser humano e profissional. Porque Margarida é Flor. Flor que brota. Que nasce. Que dá. Que existe. Que sobrevive, mesmo nas condições mais adversas. Margarida é Flor que subsiste. Margarida é Flor que Resiste.

História 9

Esperanças na absoluta dor *Margarida*





Aldeia Morro Vermelho, Povo Xakriabá. São João das Missões, Extremo Norte de MG

Da dor de
morrer à alegria
do nascer

Por Kathiane Benquerer Assis



Recomece

Quando a vida bater forte e sua alma sangrar, quando esse mundo pesado lhe ferir, lhe esmagar... é hora do recomeço. Recomece a LUTAR. Quando tudo for escuro e nada iluminar, quando tudo for incerto e você só duvidar... é hora do recomeço. Recomece a ACREDITAR.”

Bráulio Bessa

Juliana 25 anos, casada, evangélica, alta, magra e com seus cabelos negros e grandes, sempre sonhou em completar sua família com filhos. Porém, em setembro de 2016, durante um passeio com seu marido, ao tirar uma foto e enviar para sua mãe, percebeu que estaria dando início a uma jornada de desafios e superação. Sua mãe estava em São Paulo e, ao receber a foto, identificou que sua filha, que sempre foi bem magra, estava diferente. Sabe aquela intuição de mãe? Pois é, foi assim que iniciou a saga de Juliana.

Ao notar que a filha estava mais gorda do que sempre foi e com um pescoço bem inchado, passou a foto para sua sobrinha, que é médica em Montes Claros. Juliana, que a princípio não sentia nada, foi ao posto de saúde da sua cidade, que fica a mais ou menos duzentos e cinquenta quilômetros de Montes Claros, onde a médica que a atendeu solicitou internação com urgência. Juliana pensou na hora: *“nossa como assim internar, estou tão bem!”*. Chegando em Montes Claros, ao realizar alguns exames, um médico tirou-a da sala e relatou a sua prima sobre a massa no tórax, que provavelmente estava fazendo a compressão e o inchaço do pescoço. Nesse momento, a única coisa que foi relatada para Juliana era que ela não poderia rir, nem chorar e ninguém poderia encostar nela. Isso a deixou extremamente assustada.

No dia seguinte, ela já estava internada. Foi quando sua prima falou que ela tinha de ficar lá, pois foi encontrada uma massa no tórax que tinha de ser investigada. No primeiro dia, sentada em uma cadeira; no segundo dia, estava em uma maca no corredor do hospital e, somente no terceiro dia, conseguiu um quarto dividido com idosos em respiradores. Nesse momento, teve a certeza de que tinha sido colocada nesse quarto porque iria morrer, até porque, ao invés de melhorar o inchaço, cada dia que passava, piorava, e seu pescoço chegou a igualar a cabeça; tudo isso acontecendo e Juliana ainda não sabia o seu diagnóstico.

Ainda no quarto com os idosos, Juliana ouviu um médico falando: *“é aquela paciente, Juliana, é aquela que está com tumor”*. Momento de desespero intenso para ela, choro e mais medo do que iria acontecer.

O tratamento precisou ser iniciado imediatamente com as sessões de radioterapia e quimioterapia para diminuir o tumor porque, segundo a médica, *“se ela não fizesse, morreria”*.

Devido ao tratamento, Juliana enfrenta novos desafios, pois em sua religião não se corta o cabelo e a médica, sem compaixão do sofrimento, fala: *“pode cortar o cabelo, assim no pescoço, olha pode cortar que vai cair”*. A mãe de Juliana negou a possibilidade de cair o cabelo e ainda questionou sobre o

resultado da biopsia realizada em sua filha, que ainda não tinha saído. Então, para quê cortar o cabelo e iniciar a quimio? Mas a resposta da médica, sem muitos rodeios, foi: *“se não começar agora, ela vai morrer”*. A mãe chorava, pois sempre teve muito medo de câncer e isso estava acontecendo com sua filha.

Internada por 17 dias realizando radioterapia e quimioterapia, retornou para casa com uma esofagite. Foi acolhida por toda sua cidade quando voltou, especialmente pelo seu marido, que oferecia comida na boca durante esse período de esofagite, pois tinha medo de ter de colocar sonda para alimentar. Após a melhora da esofagite, completou as sessões de quimioterapia, que realizava a cada 21 dias. Ficava em Montes Claros, de segunda a sexta feira, para realizar a radioterapia, que era diária, durante 52 dias.

Ao completar as sessões, recebeu a notícia que mais desejava: a médica lhe falou: *“olha você está curada, seu tratamento acabou”*.

Cheia de esperança, com uma alegria imensa retornou a sua cidade, mas esta alegria durou pouco tempo, já que iniciou com uma cefaleia intensa, que não melhorava com nenhuma medicação, ficava indo e voltando ao hospital sem progresso positivo, até que apresentou amaurose e foi realizada uma ressonância magnética. O médico que estava de plantão diagnosticou um sangramento. Mesmo apresentando cefaleia, náuseas, vômitos, amaurose e dificuldade de elevar a cabeça, foi embora feliz por não ser nada de grave. Pelo menos, era o que ela achava.

Alguns dias após, viu uma mensagem da mãe falando que não era para ela saber, *“mas que Juliana estava com um tumor na cabeça”*. Nesse momento, o desespero foi profundo e intenso e, ao ligar para seu esposo, desabafou: *“agora eu vou morrer, acabou”*.

E tudo inicia novamente: radio e quimioterapia, porém agora a rádio era na cabeça. Nesse momento, o cabelo de Juliana estava começando a crescer e voltou a cair novamente. Queimou, queimou muito o couro cabeludo. Precisou de fazer, primeiro, as sessões da cabeça, para depois completar a do mediastino. No total, realizou cinquenta e duas sessões de radioterapia, morou três meses em Montes Claros na casa de primos. No início, tinha a companhia da sua mãe, porém, em dado momento, seu pai recebeu o diagnóstico de câncer de próstata e sua mãe retornou para sua cidade para acompanhar o marido.

Durante o tratamento, recebeu um documento falando que não poderia engravidar porque a radioterapia queimava os óvulos e, assim, a única forma

possível de ter um filho biológico seria o congelamento dos óvulos. Isso foi outro abalo em sua vida: seu sonho de ser mãe estava esvaindo. Foi conversar com a médica sobre o congelamento dos óvulos e a resposta foi a pior que poderia ouvir: *“tivemos que optar, ou esperava para congelar seus óvulos ou a gente dava início ao tratamento para você não morrer, então você não pode gerar filhos”*.

Tratamento findado, Juliana estava curada. Ficou fazendo revisão durante dois anos, teve vários sintomas cardiológicos, ortopédicos e uma crise de tosse de difícil controle. Como sabia que não poderia ter filhos, Juliana, que usava DIU, o retirou e já estava pensando em adotar uma criança, quando conseguiu engravidar. *“Foi um milagre, Deus é maravilhoso e me deu um filho”*. A gravidez seguiu tranquila, sem grandes sintomas, mas havia uma preocupação de como a criança iria nascer e Deus realizou o milagre do nascimento do bebê, lindo e saudável.

Juliana é grata à vida, a Deus, à sua mãe, a seu pai, que hoje está curado também, a seu marido e a sua congregação, que sempre estava em oração por ela.

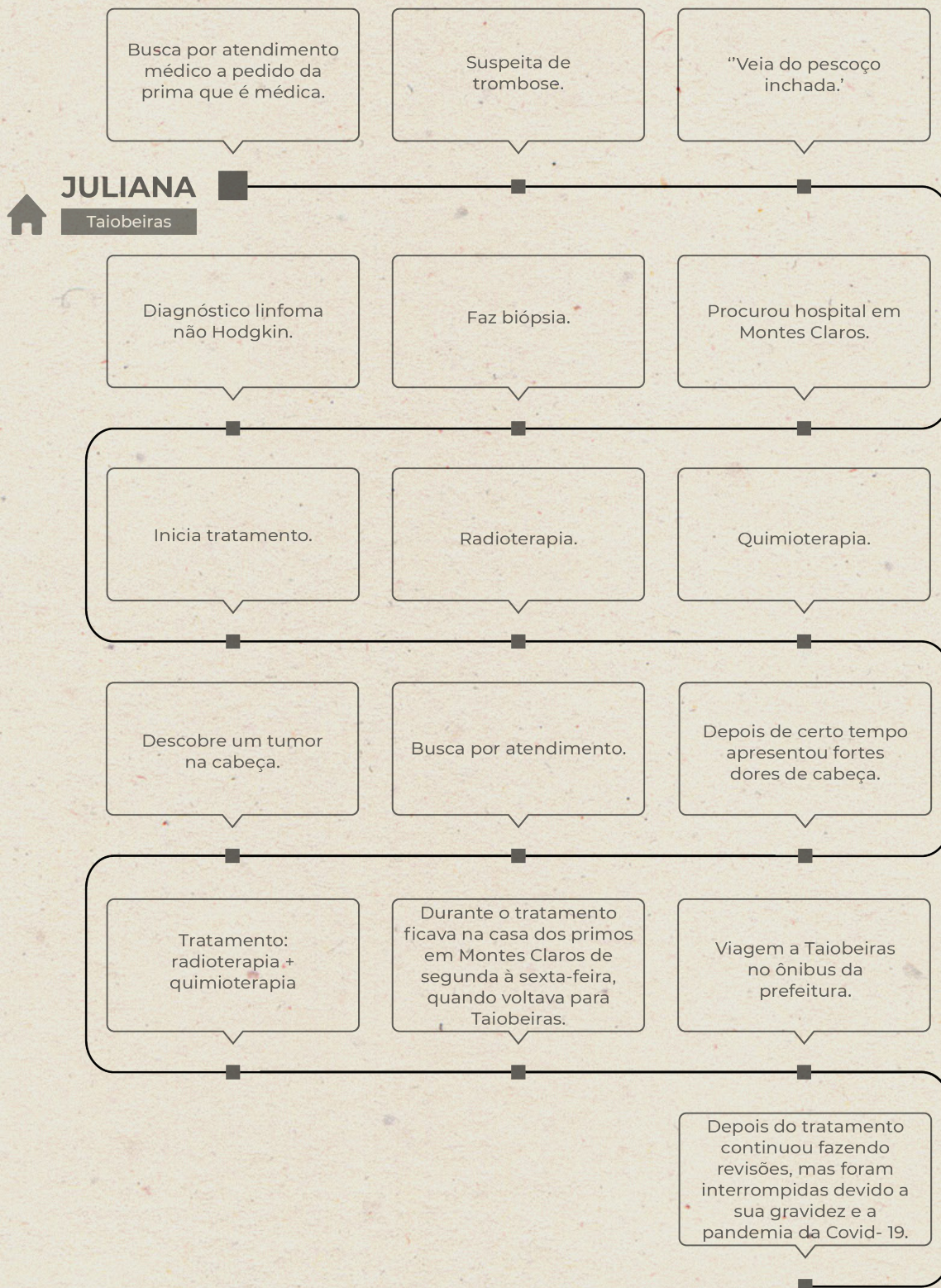
Sempre foi positiva, compartilhando na internet seu tratamento, agradecendo pelas bênçãos que recebeu e segue grata, também, aos que ajudaram com algumas medicações e exames que não teria condições de arcar.

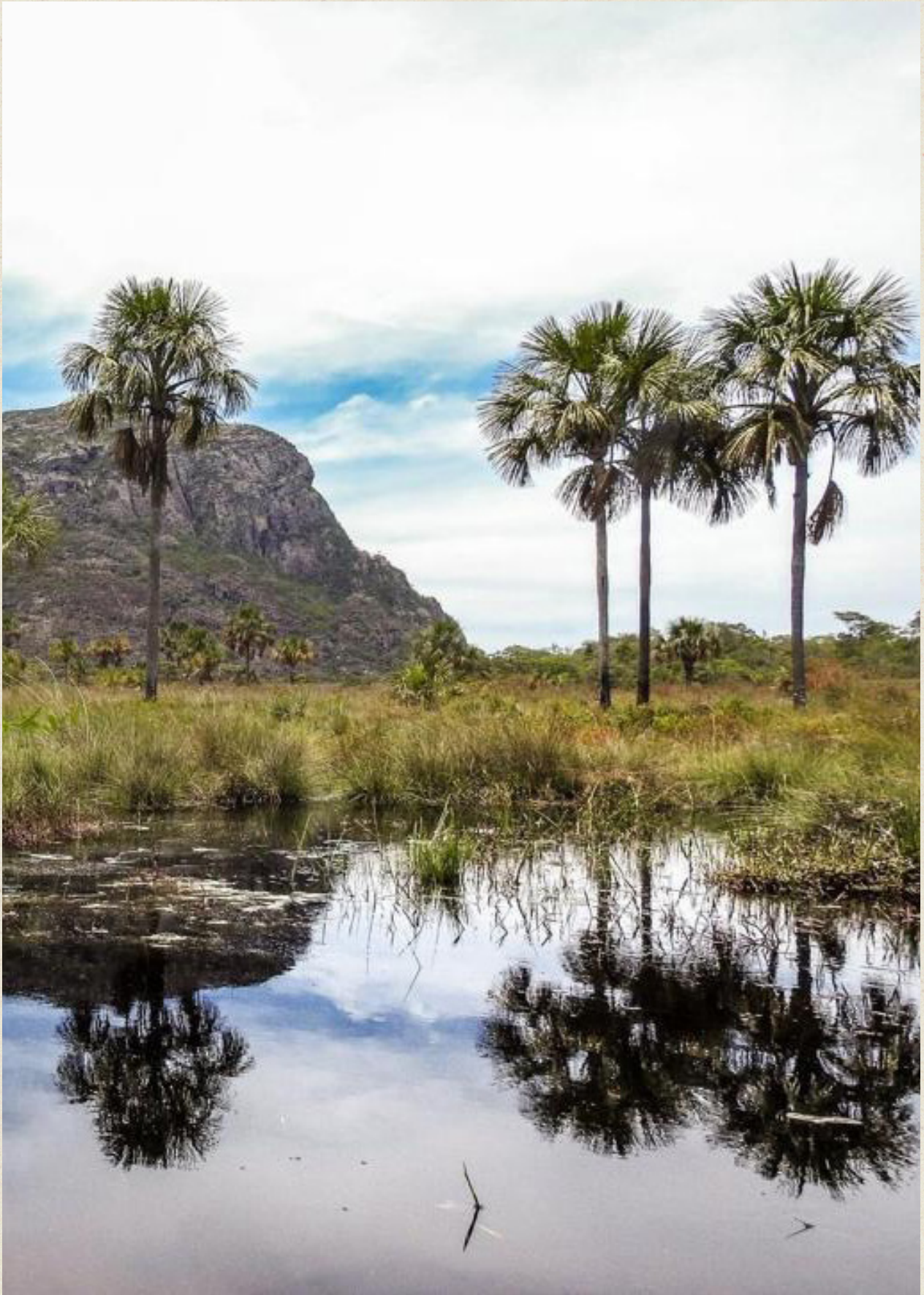
Hoje, tem planos de continuar a cuidar de seu filho e, futuramente, colocá-lo em uma escola e retomar ao seu trabalho. Foi um período difícil, porém Juliana também fala que foi um período de muito aprendizado e, conforme suas palavras: *“Deus deu forças e eu consegui ficar bem”*.

História 10

Da dor de morrer a alegria do nascer

Juliana





Vereda da Estiva, Botumirim MG

PESQUISA PRINCIPAL E AUTORA:

Beatriz Rezende Marinho da Silveira ▼

Formação

Enfermeira. Mestre em Saúde Pública pela UFMG. Doutoranda do PPGCS da UNIMONTES.



Vínculo

Prof^a do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Minas Gerais, Brasil. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES.

AUTORES:

Cristiano Leonardo de Oliveira Dias ▼

Formação

Enfermeiro. Doutor em Ciências pela Unifesp.



Vínculo

Prof. do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Minas Gerais, Brasil. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES.

Lêda Antunes Rocha ▼

Formação

Psicóloga. Especialista em Saúde Mental pelo Hospital Universitário Clemente de Faria/Unimontes. Mestre em Ciências da Saúde pela UNIMONTES.



Vínculo

Supervisora Clínica Institucional em Saúde Mental do Estado de Minas Gerais-Brasil.

Samantha Souza da Costa Pereira ▼

Formação

Enfermeira. Mestra em Saúde Coletiva (UEFS); Doutoranda em Ciências da Saúde (Unimontes).



Vínculo

Profª do Colegiado de Enfermagem da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Estudante do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS); Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/ LabQuali (Unimontes).

Orlene Veloso Dias ▼

Formação

Enfermeira, Doutora pela Unifesp.



Vínculo

Profª do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Minas Gerais, Brasil. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES.

Patrícia Alves Paiva de Oliveira ▼

Formação

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES



Vínculo

Doutoranda em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Montes Claros.

Pâmela Scarlatt Durães Oliveira ▼

Formação

Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde pela Unimontes.



Vínculo

Profª do Departamento de Enfermagem das Faculdades Unidas do Norte de Minas/FUNORTE, Minas Gerais, Brasil. Enfermeira da Prefeitura Municipal de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES.

Katyane Benquerer Oliveira de Assis ▼

Formação

Médica. Mestre em Ciências da Saúde pela Cruzeiro Sul.



Vínculo

Professora do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Montes Claros/ Unimontes. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/ LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES. Doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros.

ESTUDANTES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA:

Ana Laura Silveira Lima ▼

Formação

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES



Vínculo

Estudante da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES. Integrante da Iniciação Científica Voluntária da Pesquisa “Itinerários Terapêuticos e Narrativas sobre o Câncer: Cartografia na Macrorregião de Saúde Norte de Minas.” Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES.

Ana Flávia Marink Caldeira ▼

Formação

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES



Vínculo

Estudante da Universidade Estadual de Montes Claros/ UNIMONTES. Integrante da Iniciação Científica Voluntária da Pesquisa “Itinerários Terapêuticos e Narrativas sobre o Câncer: Cartografia na Macrorregião de Saúde Norte de Minas.”

Pollyana Alkimim Soares ▼

Formação

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES



Vínculo

Acadêmica, membro do Programa de Iniciação Científica Voluntária pela Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.

Yan Lucas Martins Silva ▼

Formação

Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES



Vínculo

Estudante da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES.

ORIENTADORA:

Cristina Andrade Sampaio ▼

Formação

Antropóloga. Doutora em Saúde Coletiva pela Unifesp.



Vínculo

Profª do Departamento de Saúde Mental e Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Minas Gerais, Brasil. Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Qualitativas Interdisciplinares em Saúde/LabQuali/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde/UNIMONTES.

COORIENTADOR:

Antônio Prates Caldeira ▼

Formação

Médico. Doutor em Ciências da Saúde pela UFMG.



Vínculo

Professor do Departamento de Saúde da Mulher e da Criança, da Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES, Minas Gerais, Brasil. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Cuidado Primário em Saúde, Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.

FOTOGRAFIAS: Manoel Freitas Reis, membro do Instituto Grande Sertão e conselheiro do Parque Estadual de Botumirim.

PROJETO GRÁFICO: Laura Silveira Fahel



NARRANDO O CÂNCER NO SERTÃO MINEIRO

Organizadoras

Beatriz Rezende Marinho da Silveira
Cristina Andrade Sampaio